

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA DA CULTURA

JANE BOTELHO FERNANDEZ

A DANÇA CIRCULAR SAGRADA: UMA HISTÓRIA DE AMOR

SÃO PAULO

2018

CENTRO DE EDUCAÇÃO, FILOSOFIA E TEOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA DA CULTURA

JANE BOTELHO FERNANDEZ

A DANÇA CIRCULAR SAGRADA: UMA HISTÓRIA DE AMOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, do Centro de Educação, Filosofia e Teologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura. Linha de Pesquisa: Cultura e Artes na Contemporaneidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosana Maria Pires Barbato Schwartz

SÃO PAULO

2018

F362d Fernandez, Jane Botelho.
A dança circular sagrada: uma história de amor / Jane Botelho
Fernandez.
81 f. il ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) –
Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

Orientador: Rosana Maria Pires Barbato Schwartz.

Referências bibliográficas: f. 74-76.

I. Dança. 2. Educação. 3. Saúde Integral. 4. Alma. 5. Espírito. I.
Schwartz, Rosana Maria Pires Barbato, *orientadora*. II. Título.

CDD 372.868

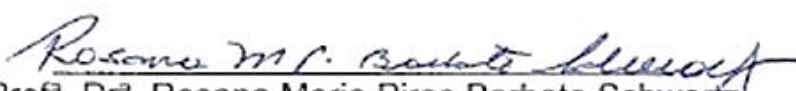
JANE BOTELHO FERNANDEZ

A DANÇA CIRCULAR SAGRADA: UMA HISTÓRIA DE AMOR

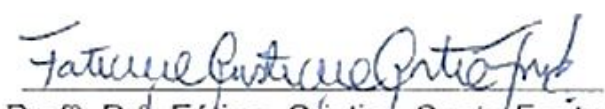
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura, do Centro de Educação, Filosofia e Teologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura. Linha de Pesquisa: Cultura e Artes na Contemporaneidade.

Aprovada em: 15/08/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Dr.^a. Rosana Maria Pires Barbato Schwartz
Universidade Presbiteriana Mackenzie


Prof.^a. Dr.^a. Regina Célia Faria Amaro Giora
Universidade Presbiteriana Mackenzie


Prof.^a. Dr.^a. Fátima Cristina Costa Fontes
Universidade de São Paulo

Dedico este trabalho aos meus pais Elizia
e Theodoro (*in memoriam*),
que me ensinaram com dedicação e amor
o melhor Caminho, o qual me conduz
rumo ao céu, onde dançaremos por toda
a eternidade!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o Senhor da minha vida e motivação.

Ao meu esposo Fernando, companheiro de lutas e desafios, realizações e alegrias, que com sabedoria tem me proporcionado momentos de solidão e sossego para a realização desse trabalho.

Aos meus filhos Rafael e Sara, fontes de força e de crescimento constante. Daniele, sobrinha amada, minha intercessora em todo o processo de formação.

Rosana M.P.B.Schwartz, Marcio José Silva, Fátima C. Fontes, que me acolheram e inspiram-me a ser melhor como pesquisadora e focalizadora da Dança Circular Sagrada e a Paula, pelas horas dedicadas na correção dessa dissertação.

Companheiros nesta aventura incrível pelo saber!

Em toda perfeição vi limite, mas o
teu mandamento é ilimitado.

Salmo 119: 96.

RESUMO

Esta dissertação é sobre a origem e aplicação da Dança Circular Sagrada nos processos educacionais/terapêuticos e em diferentes contextos das relações humanas. A abordagem sobre a humanização nos processos de ensino aprendizado diz respeito à atuação baseada nos valores do Homem, na sua capacidade de compreensão, simpatia, espírito de cooperação e consideração da subjetividade. Com ênfase na saúde do indivíduo em sua integralidade: corpo, alma e espírito. Com objetivo de apresentar dados teóricos norteados pela Psicologia Social e História da Cultura e demonstrar a práxis da Dança Circular Sagrada no campus universitário dentro da Universidade Presbiteriana Mackenzie, possibilitando que estes usufruam de momentos onde além de trabalhar atenção, motricidade e memória, estivessem em contato com novas músicas e coreografias de várias culturas, da antiguidade e atual. A Metodologia trabalhada foi a da História Oral (entrevistas), entrecruzadas com documentos/registros verbais e não-verbais, fotos e filmagem. Pesquisa qualitativa: Os sujeitos de pesquisa são alunos do curso de pós-graduação, mestrandos e doutorandos do programa da Educação Arte e História da Cultura, alunos da graduação de pedagogia e uma psicóloga, mestre em Ciências da Religião, atuante na área clínica a mais de 25 anos, totalizando nove entrevistas. A interpretação do material coletado seguiu a análise de conteúdo. Após três dias seguidos de vivência com a Dança Circular Sagrada, nos quais os participantes relataram o quanto tinham sido surpreendidos pelas mobilizações internas e externas que experimentaram, disseram compreender que esta prática pode ser mais um instrumento no auxílio dos processos educacionais/terapêuticos, bem como a aplicação em seus relacionamentos pessoais ao se referirem à união/integração e ao prazer que a prática da Dança Circular Sagrada pode oferecer. É possível e necessário ampliar a experiência desta arte de dançar e sugerir a experiência com a Dança Circular Sagrada no meio acadêmico.

Palavras-chaves: Dança; Educação; Arte; Cultura; Saúde Integral.

ABSTRACT

This dissertation is about the origin and application of the Sacred Circular Dance in educational/therapeutic processes and in different contexts of human relations. The approach to humanization in the teaching/learning method concerns the performance based on the values of man, his capacity for understanding, sympathy, spirit of cooperation and consideration of subjectivity. Emphasizing the health of the individual in the integrality: body, soul and spirit. Objectiving the presentation of a theoretical data and demonstrate the praxis of the Sacred Circular Dance in the spaces of the Mackenzie Presbyterian University, thus enabling to whoever enjoyed moments with us, in addition on working, attention, motricity, memory, put them in contact with new songs, choreographies of various cultures of antiquity and contemporary. The Methodology applied was the Oral History (interviews), intertwined with documents / records, verbal and nonverbal, photos, filming resulting in a Qualitative research. Research Subjects were undergraduate and postgraduate students of the program of Education Art and History of Culture and undergraduate students of pedagogy and a psychologist, Msc. in Sciences of Religion who has been working in the clinical area for more than 25 years. Nine interviews the totality. The interpretation of the material collected followed content analysis. After three days in a row of living with the Circular Dance, in which the participants reported how surprised they had been by the internal and external mobilizations they had experienced, they said they understood that this practice could be another instrument in aiding educational-therapeutic processes, as well as the application in their personal relationships, when referring to the union / integration and to the pleasure that the practice of the Sacred Circular Dance can offer. It is possible and necessary to broaden the experience of this art of dancing and to suggest the experience with Sacred Circular Dance into academic spaces.

Keywords: Dance; Education ; Art; Culture; Integral Health

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. DANÇA CIRCULAR SAGRADA: ORIGEM E CONCEITOS	20
1.1. BERNHARD WOSIEN E A DANÇA CIRCULAR SAGRADA.....	23
1.2. A DANÇA CIRCULAR SAGRADA NO BRASIL.	25
2. A DANÇA CIRCULAR SAGRADA E O CORPO QUE A PRATICA	29
3. DANÇA CIRCULAR SAGRADA UMA PRÁTICA QUE COMUNGA MISTÉRIOS E ENCANTOS NA ARTE E NA EDUCAÇÃO	42
a) É linha que costura a existência.....	42
b) Subjetividades afloram em dança.....	45
c) O fio que percorre a ciência e a arte	45
4. A POÉTICA DO ENCONTRO : RESULTADOS DA EXPERIÊNCIA APLICADA	50
4.1. DCS NA PRÁTICA: RELATOS	51
1) Educadora.....	52
2) Estudante de pedagogia.....	52
3) Estudante de pedagogia.....	53
4) Professora e Arte-Educadora.....	54
5) Estudante de pedagogia.....	55
6) Estudante de pedagogia.....	56
7) Psicóloga	57
8) Estilista	58
9) Editora das imagens e músicas.....	60
4.2. ANÁLISE DOS RELATOS.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74
ANEXO I	78



Foto: Jane Botelho Fernandez - Vivência no Bosque Maia, 27/05/ 2018.

INTRODUÇÃO

O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (I Coríntios 13:7).

A dança é um elemento histórico-cultural e sua prática é existente em múltiplas culturas. Está presente em forma de rituais de nascimento, casamento, morte, bem como na prática do lazer, entretenimento e travessias da vida. Em uma ‘travessia’ da vida a Dança Circular Sagrada encontrou-me. No ano de 2007, numa manhã de domingo estava no Bosque Maia (Guarulhos/SP) passeando com meus filhos e enquanto eles brincavam fui convidada a participar de uma Roda, aberta a todos os visitantes do Bosque. O convite era de Vaneri de Oliveira, uma focalizadora¹ da Dança Circular Sagrada, a experiência² (LARROSA, 2014) atravessou-me de tal maneira e de forma intensa que desde então tenho ido à busca de mais vivências³, cursos, encontros com focalizadores nacionais e internacionais. Se um dia nem imaginava o que era Dança Circular Sagrada, fui encontrada e atraída por ela. Ao tornar-me focalizadora e agora pesquisadora, posso dizer que, ao realizar a Dança de Roda, cada vez mais me apaixono e sinto-me amada pela Dança Circular Sagrada. Por isso o título deste trabalho tornou-se: **A Dança Circular Sagrada: uma História de Amor.**

Quando decidi retornar à academia, após 25 anos do término da graduação, tive forte convicção de que é possível apresentar e mergulhar na busca científica sobre a consciência corporal integradora (corpo, alma e espírito) considerando os fatores terapêuticos, socioafetivo, relacional, educacional e epistemológico, presentes na Dança Circular Sagrada.

¹ Focalizador é aquele que mantém o foco de uma vivência, ou seja, que orienta e apóia as pessoas numa vivência, dirigindo-as na direção de um objetivo. O termo preenche uma lacuna de linguagem quando nos referimos a uma pessoa que não está fazendo papel de professor, nem de um líder e nem de orientador. Ele está realmente centralizando uma idéia para que esta possa ser passada com muita clareza e calma para o grupo. Algumas qualidades são de relevância para quem deseja focalizar as Danças Circulares: clareza de expressão, clareza de intenção, firmeza de postura e palavras, flexibilidade, simplicidade, humildade, bagagem cultural/espiritual, etc. (RAMOS, 1998).

² Larrosa: a experiência e o saber da experiência segundo Jorge Larrosa – Obvious. Disponível em: <obviousmag.org/.../a-experiencia-e-o-saber-da-experiencia-segundo-jorge-larrosa.htm>. Para Larrosa, experiência tem a ver com paixão, tem a ver com o que nos passa. É diferente de conhecimento. Na era da informação temos muito conhecimento e pouca experiência, porque não paramos para pensar; É necessário suspender o juízo, parar para olhar, parar para escutar, sentir, padecer.

³ Vivência: <https://conceitos.com › aprender>. O termo vivência se refere a uma experiência de vida que deixa marcas em uma pessoa de maneira duradoura. As vivências podem ser das mais variadas e dos campos mais diversos, mas se caracterizam através da aprendizagem.

A dança é aplicada em um ambiente com espaço apropriado e em círculo, podendo ser considerada ação social que desperta espiritualidade e que remonta a memórias da história dos primórdios da civilização.

As experiências selecionadas nesta pesquisa sobre a prática da Dança Circular Sagrada no Brasil e no mundo desvelam sua aplicação em diferentes áreas de atuação: terapêutica, educacional e a comunidades em geral.

Por sua simplicidade é aceita em todas as faixas etárias, por homens e mulheres. Em casos específicos pode ser vivenciada a partir de temática. Por exemplo: o universo feminino, roda da cura, celebrando as estações do ano, celebrações familiares, casamentos, aniversários, encontros de casais, de jovens, roda da educação, roda só para homens, guerreiros do coração⁴. Pode ser aplicada em escolas, universidades, acampamentos, igrejas, parques públicos, hotéis, espaços corporativos, congressos, hospitais, UBS (Unidades Básicas de Saúde) e CAPS (Centros de Atenção Psicossocial)⁵.

Pode ser realizadas com objetos no centro da roda como mandalas, fogueiras, tronco de árvores mais elevado, como é em Findhorn (Escócia); nos Encontros Brasileiros, onde a sugestão é não ficar olhando para baixo, para o chão em busca do centro e sim para o horizonte. A dança possibilita 'olhares' em todas as direções.

A partir da hipótese de que a Dança Circular Sagrada, por suas características de mobilizar corpo e afeto, pode promover (re)educação dos sentidos e possibilitar uma consciência que integra o sujeito com o coletivo e com o sagrado, favorecendo-o em âmbito social e pedagógico. Esta dissertação estudou, problematizou e observou esta prática, trazendo para a academia a experiência da Dança Circular Sagrada.

Verificou-se a possibilidade de ressignificar a tessitura, percepções e realidade nos processos ensino, aprendizado e ação terapêutica. Pode funcionar como recurso instrumental no desenvolvimento contínuo da formação de alunos e educadores com potencial interdisciplinar.

⁴Um movimento de Homens a Caminho da Inteiraza do Ser. Homens aprendendo a ser homens juntos. Uma experiência rumo à individuação. Ir em busca de quem realmente somos, a esse centro "core" (núcleo, em inglês), coração. Isto é uma vastidão infinita, segundo Mauro Luiz Pozatti, médico psiquiatra, professor universitário, pai de dois filhos homens. Disponível em: <<http://www.guerrerosdocoração.com.br/história>>.

⁵ UBS e CAPS são centros de saúde pública mantidos pelo Sistema Único de Saúde no Brasil.

O estudo, além de leituras e reflexões, aplicou a dança em educadores, alunos dos cursos de pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura; alunos da graduação de Pedagogia, uma psicóloga e Mestre em ciências da religião. A observação da prática e a investigação sobre a origem e possibilidades de aplicação da dança em diferentes contextos, possibilitaram a apuração e análise dos resultados.

Seguindo a minha primeira inspiração e aplicação em continua descoberta e pesquisa sobre a Dança Circular Sagrada, percebi a necessidade de aprofundar a temática que foi possível nesses dois últimos anos, por meio da realização desta dissertação de mestrado. A pesquisa, utilizando como base a Dança Sagrada desenvolvida por Bernhard Wosien (1908-1986) abre a possibilidade de ser aplicada na academia como instrumento nos processos educacionais e terapêuticos.

Envolvida por um fio que me trouxe até aqui, assim sigo tecendo e ensinando outros a tecer, a fiar e se deixar ser envolvido pela Dança Circular Sagrada. A pesquisadora, ao sugerir o encontro com o 'sagrado', esclarece que neste trabalho, sagrado significa reconhecer o tempo presente como uma dádiva, no qual se faz possível o encontro do sujeito com ele mesmo e com o próximo. "Com toda a pressão de se criar algo novo, o conhecimento dos mestres será convocado a não deixar romper o fio para as sabedorias" (WOSIEN, 2000, p.31). Os resultados do estudo apontam que a Dança Circular Sagrada pode ser um 'portal' que conduzirá a pessoa a si mesmo. Numa perspectiva antropológica⁶ e epistemológica⁷, o dançarino será conduzido por um caminho de origem e semelhanças miméticas.

Destaco aqui uma das semelhanças que, segundo Walter Benjamin, seria uma das únicas existentes na sociedade atual: a 'Associação' que só pode ser extrassensível, produto de uma associação entre o sentido e intelecto para criar algo tangível à razão e principalmente reproduzível (FOLLOW, 2015).

A pesquisa apurou por meio dos relatos dos entrevistados, pela História Oral, após três encontros realizados nos dias 04, 05 e 06 de abril, que a Dança Circular Sagrada provoca associações do presente com o passado como, por exemplo, a comunicação com a natureza, a crença no incognoscível, as quais foram relegadas

⁶ Levi Strauss em Antropologia Estrutural (São Paulo, Editora Cosac Naify, 2000) afirma que Antropologia Cultural dos sistemas simbólicos relaciona-se com as práticas simbólicas e os sistemas teológicos cosmológicos das sociedades tradicionais.

⁷ Davi Charles Gomes em Educação Escola Cristã – História Conceitos. Práticas Pedagógicas (São Paulo, Editora Mackenzie, 2017), discute a epistemologia como visão ampla da realidade.

à irrelevância, ao esquecimento ou restam em pequenos grupos. Ademais, é possível viver e sentir nas pequenas 'Rodas', estas semelhanças perdidas. "Considerando que nessa experiência se firmará o Encontro com outras funções da consciência além do pensamento" (OSTETO 2010, p.172).

A inteligência emocional⁸ (GOLEMAN, 2005) estará na ativa, pois não se trata de uma experiência em transe e sim de algo integrador, onde consciência, pré-consciência e inconsciente podem estabelecer um diálogo inteligente, elaborando histórias individuais através dos movimentos corporais, proporcionando saúde para corpo, alma e espírito. Estabelecer uma conexão que diz respeito à nossa cultura, entrecruzadas com outras culturas, considerando inclusive a transcendência.

A Dança Circular Sagrada pode contribuir para promover transformações na percepção e identidade do Sujeito que a pratica. Abertura sem volta aos que se propõe a vivenciá-la, seguindo e sendo seguida por ela num movimento de circularidade e amplitude pessoal, relacional. Esse sujeito poderá se beneficiar de um novo estilo de viver: "A circularidade permite vivenciar o processo formativo enquanto processo dialógico de construção de saberes e significados vitais" (LEITE, 2013, p. 3).

Metodologicamente, os encontros da Dança Circular Sagrada são brevemente pensados e elaborados por um focalizador, pessoa responsável em preparar o espaço, som, repertório e dar as instruções sobre a coreografia, para que todos possam participar das danças. Fazendo com que esse Encontro seja possível para todos os presentes e desejáveis em dançar.

Os resultados das práticas e experiências vividas pela trajetória da pesquisadora e os depoimentos dos sujeitos que vivenciaram a dança desvelam que o estudo foi bem direcionado no programa de pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura, por seu caráter interdisciplinar.

Apresentar a Dança Circular Sagrada como recurso no processo educacional e terapêutico, no qual, através da corporeidade, entrelaçou-se arte, cultura e educação, foi enriquecedor.

A pesquisa exigiu que se historicizasse a temática, não de maneira linear e assim pôde perceber a trajetória dessa prática, permanências e transformações na

⁸ Inteligência emocional é um conceito relacionado com a chamada "inteligência social", presente na psicologia e criado pelo psicólogo estadunidense Daniel Goleman. Um indivíduo emocionalmente inteligente é aquele que consegue identificar as suas emoções com mais facilidade.

contemporaneidade, no desenvolvimento cognitivo, no ato de pensar, de aprender e criar processos vitais do conhecimento na formação humana.

A metodologia da História Oral (entrevistas) foi entrecruzada com documentos/registros verbais, fotos e filmagem. Apresentando o estudo no sentido de desvelar a interferência da Dança Circular Sagrada nos processos de aprendizagem, socioafetivo e terapêutico.

Exercitou-se a proposta de estudo, dançando. O corpo estudado como documento e objeto foi compreendido como revelador de vivências, construções históricas. Como portador de experiências e de processos de aprendizado, através do ritmo, compasso e melodia. Os conceitos que auxiliaram a responder o problema da pesquisa foram: a ação comunicativa, experiência, territorialidade, construção e desconstrução, cotidiano, representação simbólica e imaginário social. Todos sustentando as bases teóricas da análise proposta.

As balizas teóricas norteadoras foram a Psicologia Social, a História da Cultura e suas implicações para a apreensão dos sentidos e significados. A metodologia utilizada pelo viés da Tessitura⁹ possibilitou desenvolver essa pesquisa com diversas possibilidades metodológicas, várias técnicas e inspirações, generosamente mediadas pelas mãos das pesquisadoras que me antecederam nesse percurso. A seguir citarei apenas alguns trabalhos que elucidam sobre a Dança Circular Sagrada, contudo, todas as outras citações foram por demais relevantes para a construção da pesquisa e conclusão dessa dissertação.

Jane Barcellos (2012) em seu texto intitulado: Experiência do Dançar – junto: Disposição ético-afetivas, inspirador quanto ao efeito terapêutico, por ela descrito e por mim constatado durante a pesquisa teórica e de campo. Também o trabalho de Andréa S. Bergallo (2014) que, mesmo não sendo específico sobre a Dança Circular Sagrada, foi importante por me atualizar sobre as conquistas já alcançadas pela Dança Contemporânea nas universidades do nosso país, onde a autora se coloca com determinação para que o ato de dançar seja cada vez mais uma realidade para os universitários, como descrito em seu texto cujo título é: Corpo e identidade na dança contemporânea. Na sequência está Álvaro P. Leite, ao qual desde o início do

⁹ Na música, tessitura refere-se ao conjunto de notas usadas por um determinado instrumento musical, com a qualidade necessária à sua execução. No caso da voz humana, refere-se ao conjunto de notas que um cantor consegue articular sem esforço excessivo de modo que seja produzida com a qualidade necessária. A tessitura tem, portanto, uma abrangência menor que a extensão. Enquanto que a extensão representa todas as notas fisicamente realizáveis, a tessitura refere-se às notas mais frequentemente utilizáveis.

meu projeto para este mestrado foi-me muito útil e prático quanto à didática descrita em seu trabalho: 'Aprendizagem criativa: uma experiência inspirada em Paulo Freire (2013) baseada na arte educação'. A tese de doutorado de Lúcia Helena H. Almeida (2005): 'Danças Circulares Sagradas. Imagem corporal, qualidade de vida e religiosidade segundo uma abordagem Junguiana'. 'Saltei' de alegria quando li que ela conheceu a Dança Circular Sagrada numa oficina na Sociedade Psicanalítica de São Paulo e que, após essa experiência, decidiu realizar seu doutorado com esse tema. Por fim, Luciana E. Ostetto (2015) através de seu livro 'Danças circulares na formação de professores - A inteireza do ser na roda'. Seguiremos juntas nas Rodas da Dança Circular Sagrada, uma arte que esta pesquisa define como uma das experiências mais relevantes diante desta acelerada e competitiva sociedade em que estamos inseridos.

Assim, acolhi, reuni em recortes e tecidos, em singularidade, uma possibilidade minha. De modo que nesse construto que tens em mãos há uma narrativa de caminho único que pude trilhar. Estou muito certa de não ser o único caminho. Mas trago aqui a narrativa em que me encontrei, localizei como possível esse Caminhar, pois nele consegui até dançar e trazer comigo os meus.

Para essa compreensão foi necessário primeiro ver. Ver-me como sujeito. Uma mulher inserida em um tempo e um lugar. Assim, compreendo meu discurso e meu "imaginário social" e busco respeitar os seus atravessamentos.

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social (RIBEIRO, 2017, p. 64).

O que realizo nessa metodologia é o Tecer. Mas não é algo tão simples ou de leitura breve. O ato de tecer é a Tecelagem em si. Depois, é necessário deixar vir a Tessitura. Tecer nada mais é que o encontro dos fios, a reunião deles que se atravessam no tear. Por outro lado, a tessitura é sair do lugar de regente e assumir que os atravessamentos também regem as construções e assim chegar ao construto em si, na Tessitura, cujo termo vem da música e refere-se ao conjunto de sons que melhor convêm a uma voz ou um instrumento.

Diante desse feito como silenciar minha voz interna? Que me guia, atravessa-me, rege-me desde sempre? Nesse desafio acadêmico de pesquisa, caminhei, dancei, ensinei e, principalmente, [...] aprendi!

Generosamente foi-me dado nesta pesquisa, o ensinamento de que é possível desenvolver uma investigação acadêmica respeitando-se minha voz. Com esta voz que me apresentei: mulher cristã, regida com base na fé e nas Escrituras Sagradas às quais não pude e nem vi razão para eliminar desta dissertação, pois são componentes não apenas meus, mas das mulheres que ousei convidar a bailar e da instituição na qual consegui fazer esse bailado, pesquisando e investigando possibilidades de aprendizagens.

De modo que, neste processo de pesquisa há muito de mim, faço-me existir quando faço esta pesquisa existir, por decisão e em respeito a isso, mantereí nela os textos, mesmo não acadêmicos, que me atravessam, mantendo assim as citações de trechos bíblicos. Sigo também em linguagem mais poética, leve, contudo, não serei rasa, mas profunda, como deve ser a investigação acadêmica e nesse impulso acredito que conseguirei existir e ser compreendida.

A pesquisa subdividiu-se em quatro capítulos, sendo o Capítulo I intitulado Dança Circular Sagrada: Origem e uma Breve Biografia de Bernhard Wosien. Conexão com conceitos de territorialidade, cotidiano, ação psicossocial, filosofia, modelo rizomático e subjetividade. A Dança Circular Sagrada no Brasil.

Capítulo II Dança Circular Sagrada e o corpo que a pratica, diálogos corporais e a psique. Reconhecimento da corporeidade como promotora da (re)educação dos sentidos. Saúde Integral: corpo, alma e espírito.

Capítulo III A Dança Circular Sagrada uma prática que comunga mistérios e encantos na arte e na educação. Nesse capítulo Faremos uma ‘viagem’ objetivando através de documentos históricos e trabalhos acadêmicos já publicados, para que se tenha uma melhor compreensão da múltipla ação da dança. Assim seremos capazes de refletir sobre: o bom, belo e verdadeiro (Platão) existente na Dança Circular Sagrada. Contemplar a beleza e encantos existentes no Universo musical e coreográfico, atual e antigo, relacionados a História desta Arte de Dançar. Uma “viagem” sobre subjetividades, símbolos e inspirações.

Capítulo IV A poética do Encontro: resultados da experiência aplicada. A prática enquanto propiciadora e facilitadora para o ensino, aprendizagem e os processos terapêuticos naturalmente inseridos na aplicação da dança, oferecendo

uma opção para um estilo de vida saudável, de imediato e em longo prazo, numa experiência constante de desenvolvimento pessoal e coletivo, possível de se construir através da Dança Circular Sagrada. Encontro de fé, amor, esperança e eternidade (FERNANDEZ, 2017, p.261).



XVII Encontro Brasileiro de Danças Circulares
Foto: Amanda Mello

1. DANÇA CIRCULAR SAGRADA: ORIGEM E CONCEITOS.

A Dança Circular Sagrada envolve conceitos que abrangem territorialidades, experiências do cotidiano, memória do patrimônio, subjetividades, práticas simbólicas e representações. Territórios, nesta dissertação, são compreendidos como lugares, não de espaços físicos concretos, mas sim, como identidades em movimentos territoriais. Estes movimentos que se constroem e se desconstroem em representações sociais, em ações flexíveis como é a Dança Circular Sagrada. Investigar as ações provenientes da Dança Circular Sagrada como territorialidades, envolve a própria reflexão sobre a constituição de territórios simbólicos e de representações. Apresenta-se aqui o conceito de territorialidade no intuito de compreender o processo de aprendizado e a prática enquanto possibilitadora de transformações, que resultam em novas territorializações (SCHWARTZ, 2017).

Ao tratar da ação transformadora na Dança Circular Sagrada, exige-se do pesquisador adentrar no conceito de territorialização e na teoria das representações sociais, tangenciando correntes clássicas do pensamento social, como Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx. A teoria das Representações Sociais contribui para entender o indivíduo em processo de aprendizado, nas relações e nos espaços das oficinas da Dança Circular Sagrada, assegurando as questões que envolvem o 'eu' e o 'outro' nas dimensões do imaginário, da referencialidade e do social (SCHWARTZ, 2017), sendo que, o compartilhamento aparece em atividade representacional e em processos simbólicos.

Nesse sentido, o pensamento de Durkheim (2008) contribui para a problematização por meio do conceito de representações coletivas. Também os apontamentos de Weber (2007) pela sociologia compreensiva e conceitos de significação. Marx (2000) pela dialética com a questão da ideologia e consciência. Esses teóricos clássicos possibilitam avançar no sentido de entender as múltiplas relações das percepções individuais e coletivas sobre representações das práticas de atividades como na Dança Circular Sagrada. Proporcionam questionamentos de natureza científica, em oposição às baseadas em senso comum. Deleuze e Guattari (2010) fornecem subsídios para a compreensão das práticas e do seu compartilhamento por meio do conceito de representações. Apresentam a questão das territorialidades, com ênfase no sentido do significado/significante em ação individual e coletiva. A territorialidade é rizomática. A ideia de rizoma aplica-se na

contemporaneidade e tem sido problematizada pelas teorias da história da cultura, educação e arte. Sua construção ontológica e de compreensão das sociedades, percorrem as territorializações, desterritorializando as ações coletivas e individuais dos sujeitos.

Nas práxis da Dança Circular Sagrada, por meio da música e das coreografias, tem-se contato ontológico e a compreensão de diferentes culturas. Na epistemologia pode-se compreender que o modelo rizomático não proporciona subordinação hierárquica na organização dos elementos, permitindo compreender como os territórios são reconfigurados. Assim, dá-se na Dança Circular Sagrada, pois a cada roda, o movimento é único, foge de todas as ideias e configurações pré-determinadas. Na interpretação de Ricouer (2010) o mundo deve ser pensado como se fosse um texto, repleto de transmissores de experiências, cuja compreensão não é somente tomar conhecimento dos fatos, mas de ser, como no ato de dançar.

Tratando da representação causada, o filósofo aponta para o cruzamento que ocorre na configuração e refiguração da ação, ou seja, no recurso imaginativo e narrativo de quem dança e de quem compartilha. Na Dança Circular Sagrada, além da partilha, há um ser que comunga com o sagrado, num cruzamento relacional vertical e horizontal.

O pensamento deleuze-guattariano adverte para a necessidade de desconstrução da ideia de território estático e fixo; deve ser entendido como dinâmico, repleto de materialidade de cunho cultural. Assim é quando se dança: a flexibilidade é uma exigência onde o pulsar do coração reflete a dinâmica corporal interferindo no território estático.

Finalmente, para tecer a reflexão adentra-se no conceito de cultura, que é circular em sua substantivação e em sua adjetivação. Toda cultura é histórica e tudo que é histórico, poderá ser dançado, vivenciado das mais diferentes formas coreográficas.

Na dança que é circular, que é sagrada.

A cultura se insere no tempo e no espaço em realização humana. O homem, em sociedade, em mediação com a natureza, produz uma segunda natureza, não-culturalizada. Essa natureza culturalizada produz o homem novamente.

Os sistemas cognitivos e simbólicos da prática da Dança Circular Sagrada envolvem transmissão, recepção e circulação. Dessa forma, a cultura que se cria é entendida como conjunto de representações em perspectiva de temporalidade. Toda

cultura implica em territorialidades, demarcadas por espacialidades e temporalidades.

Na Dança Circular Sagrada somos convidados e instigados a viver esse tempo presente, na medida em que se exercita, há um aperfeiçoar da Presença Plena no espaço e tempo, vivência por demais prejudicada pelos excessos de perspectivas e representações na atualidade.

Giddens (1991) compreende que os processos são encaixes e desencaixes, recombinações, que implicam em variações na dinâmica da recepção; assim são, ao recebermos as diferentes melodias, emergindo movimentos, variações que envolvem a recepção; variações que envolvem no individual e no coletivo os dançarinos. As identidades se ressignificam e se movimentam para um 'entre-lugar', um novo território, como aponta Stuart Hall (1999).

A Dança Circular Sagrada provoca um descentramento do sujeito, o redireciona para um centro em comum e o coloca em círculo, considerando tal como símbolo de totalidade. Em uma roda de dança todas as pessoas são responsáveis pela formação do círculo, não existindo hierarquias. Como técnica tem em sua transmissão todos os quesitos de um processo de ensino e aprendizado, envolvendo aspectos cognitivos, atenção, concentração e motricidade.

Em termos de saúde, seus benefícios são comprovados cientificamente, de maneira geral em todas as faixas etárias e mesmo entre pessoas com necessidades especiais, sendo coadjuvante nos tratamentos de reabilitação física e emocional¹⁰.

Como uma prática social pode estabelecer a ação de inclusão onde todos, independente de credo, etnia ou posição social, tornam-se iguais na Roda, de mãos dadas. O dançar é um encontro de amor, fé e esperança, pessoal e coletivo, pode fazer a diferença na sociedade, no país e no mundo.

Apresenta objetividades e subjetividades. Adam Schaff (1995) na obra História e Verdade diferencia objetividade de subjetividade. Entende objetividade como conhecimento que provém do concreto, isenta de carga emocional. Subjetividade proveniente do sujeito, carregado de emoção. Por isso, o conhecimento produzido no ato de dançar, é objetivo e subjetivo. O entrelaçamento

¹⁰ BRASIL. Portaria 849 de 27 março de 2017: Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. *Diário Oficial [da] União*, Brasília, 28 mar. 2017. Disponível em: <https://www.lex.com.br/legis_27357131_PORTARIA_N_849_DE_27_DE_MARCO_DE_2017.aspx> . Acesso em: 7 nov. 2017.

reflete o objeto dança e o subjetivo, emoção. Os dois produzem conhecimento. Schaff reconhece também que a participação do pesquisador na construção do conhecimento histórico, a sua objetividade contém sempre múltiplas subjetividades.

A delimitação do tema desvela a subjetividade de quem escreve a história. Destaca o subjetivo que o sujeito traz ao objeto ao se analisar a subjetividade criada na ação educativa e terapêutica que a Dança Circular Sagrada é capaz de produzir. A subjetividade de quem dança pode ser entendida como a essência do conhecimento criada na produção da experiência (RICOEUR, 1955, p. 34).

Para Michel de Certeau (2005), um fato histórico estudado, possui caráter objetivo, algo que não depende da observação do pesquisador, no entanto, o olhar do estudioso, sua interpretação, sua leitura sobre o que observa é subjetivo e denotará subjetividade na construção narrativa do fato.

De acordo com Pirenne (2000), todas as apreciações de qualquer acontecimento na história são parciais, entretanto, todas contribuem para o desenvolvimento do conhecimento.

Não só o objeto de pesquisa está imerso no fluxo da história, mas também o sujeito, o próprio pesquisador, sua perspectiva, seu método, seu ponto de vista. O ofício de historiador requer que as fontes históricas não sejam tomadas como o real, mas como parte do real, produzidas segundo visões de mundo, interesses e valores (SCREINER, 1998, p. 70).

Desta forma, tanto o olhar do pesquisador como o olhar do criador da Dança Circular Sagrada estão repletos das suas próprias histórias de vidas, trajetórias e escolhas metodológicas.

1.1. BERNHARD WOSIEN E A DANÇA CIRCULAR SAGRADA.

Para mim, a dança é uma mensagem poética do mundo divino
(WOSIEN, 2015, p. 18).

Essa frase de Bernhard Wosien tornou-se uma inspiração no início desta pesquisa e é até hoje. Porém, segundo relato do livro em referência, ela faz parte de um dos momentos mais difíceis de sua vida. Além de uma decisão profissional entre ser pastor, artista plástico ou bailarino, sofria as consequências de uma época marcada pela primeira guerra mundial e posteriormente, a marcha de Hitler. O que lemos é que como um guerreiro, além de sobreviver dessa experiência dolorosa que

atinge toda a humanidade e que até hoje temos consequências, Wosien antes da segunda guerra mundial já tinha seguido como bailarino, casou-se e se tornou pai. Nos anos de 1948 a 1958 viveu o auge da carreira como bailarino e coreógrafo. Em 1976 firma a Sacred Dance (Dança Sagrada).

Os acontecimentos importantes, segundo relato escrito do trabalho póstumo desenvolvido por sua filha Maria-Gabriele Wosien. Bernhard Wosien (1908) nasceu em Passenheim, Kreis Ortelsburg, Masuren (Prússia Oriental). Aos 15 anos foi membro do balé “O jovem Palco”, aos 22 anos realizou Estudo de Teologia Evangélica, História da Arte, pintura e Dança Clássica na Universidade e Academia de Artes de Breslau e na Escola Superior de Artes de Berlim. Por volta dos 30 anos de idade, torna-se o primeiro bailarino solista no Teatro Estadual Prussiano, em Berlim. Em 1939 casa-se com Elfriede, baronesa de Elrichshausen e dessa relação nascem seus três filhos. De 1940 a 1975 foram 35 anos de dedicação à dança e torna-se docente em Pedagogia da Dança na Escola Técnica Superior para Serviço Social e da Juventude da Cidade de Munique e na Escola Técnica para Terapia Ocupacional. Colaborador no Instituto Friedrich Meinertz e na Clínica Heckscher em Munique, contribuindo para pesquisa empírica de métodos de Pedagogia de cura com crianças com distúrbios de desenvolvimento, danos cerebrais e com desvios sociais.

De 1965-1986 é nomeado Pedagogo da Dança na Universidade Phillips em Marburg/Lahn, para Pedagogia de escolas de Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais. Em 1976, dá-se o início à expansão internacional da Sacred Dance (Dança Sagrada), proveniente de um Encontro com a comunidade de Findhorn na Escócia. Dedicou-se à pintura e ao desenho, além de sua carreira artística como bailarino, coreógrafo e pedagogo da dança. Morre aos 78 anos em 29 de Abril de 1986 na Cidade de Munique.

As ‘sementes’ da Dança Sagrada, que Bernhard Wosien semeou, continuam a dar muitos frutos, diria que temos ‘bosques e florestas’ de tão rica que é a sua variedade, na forma de gestos, sons, passos, que ‘servem’ a todos os saberes e sabores.

Pessoas das mais variadas idades, etnias e culturas, podem ‘saborear’ e receber os benefícios existentes nessa Arte, que tem sua ‘magia’ de envolver cada pessoa, de forma única e singular. Segundo Mauss & Hubert em ‘Esboço de uma Teoria Geral da Magia’ (1974), há uma definição ampla da magia como fenômeno

social composto basicamente de três elementos: atos, agentes e representação. Elementos esses existentes na Dança Circular Sagrada.

Assim que como a ‘magia’ de Mauss, a Dança Circular Sagrada pode ser um ato sociológico e um fenômeno religioso, no sentido de (re) ligar a criação ao Criador.

1.2. A DANÇA CIRCULAR SAGRADA NO BRASIL.

No Brasil, a Dança Circular Sagrada chega nos anos 1980, simultaneamente em diferentes regiões, porém, todas provindas da mesma fonte: a comunidade de Findhorn (Escócia) e de seu fundador Bernhard Wosien, cujo trabalho tem sido continuado por sua filha Maria-Gabriele Wosien, com a qual, em dezembro de 2017, realizei um *workshop*. É organizada celebração especial no ano de 2018, para comemorar os 20 anos que Gabriele vem ao Brasil, a fim de reciclar e fortalecer a visão do legado deixado por seu pai. Observo que até hoje temos bebido desta mesma fonte, graças à fidelidade e exigência generosa das nossas primeiras focalizadoras, que têm nos ensinado com paciência, amor e bondade, sobre a Dança Circular Sagrada.

A seguir compartilho uma entrevista realizada com Monica Goberstein¹¹, uma dessas pioneiras, que tem me acompanhado e auxiliado ao longo desses anos na minha jornada com a Dança Circular Sagrada.

Em São Paulo, quando trigueirinho, um dos fundadores da comunidade em Nazaré¹², fundada em 1982, vai a Findhorn (Escócia) uma das primeiras Eco-Vila do mundo e que atualmente tem um hotel que recebe visitantes do mundo todo. Ali

¹¹Uma das percussoras do movimento das Danças Circulares no Brasil. Iniciou sua atividade de facilitadora das danças Circulares em 1992, ano em que ingressou para trabalho e residência por (três anos) no Centro de vivência Nazaré (atual Uniluz) e coordenação das vivências de Danças Circulares. Contribuiu na organização dos primeiros eventos/retiros com instrutores do Brasil e do exterior para os caminhos das Danças Circulares neste país ao longo da década de 90. Professora e coreógrafa das Danças Circulares. É membro certificada Mentora das Danças da Paz Universal (1997) pela Rede Internacional (INDUP, Seattle, EUA). Participou desta Rede no Brasil, bem como da coordenação e efetivação do primeiro e simples veículo-elo de comunicação entre os dançarinos-revista Sangha. Participou na Associação vale de luz, 1994/97. Idealizadora, Fundadora e Diretora do Semeia Dança-Dança Circulares e da Paz Universal-1998. Mini-currículo retirado da apostila Caminho do Coração-junho/2017.

¹² Comunidade Nazaré, Universidade da Luz. Disponível em: <<http://nazareuniluz.org.br/>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

trigueirinho conhece Sara Marriot uma senhora americana com quase 80 anos, que residia na comunidade de Findhorn, convidada a morar no centro de convivência em Nazaré. Ela aceita, chegando em 1983 já com a vivência da Dança Circular Sagrada, praticada desde 1976 na comunidade de Findhorn. Após algumas adaptações e mudanças de uma hierarquia monástica atribuída aos residentes do centro de convivência em Nazaré, Marriot compartilha algumas danças bem simples. Dança Canon, de Pachelbel, que talvez tenha sido uma das primeiras músicas dançadas em São Paulo. A dança como vivência e meditação, pois a dança estava a serviço do propósito do centro, do autoconhecimento e da conexão espiritual. Não tinha curso; isso não existia, começou a fazer rodas assim como trabalho na cozinha, na horta, no jardim, na tecelagem e na cerâmica. Era tudo simples, numa vivência pessoal e coletiva, assim se começou a dançar, para meditar e se conhecer, enquanto dançava. Esse movimento, que se inicia em 1987 vai formando uma grande roda, onde muitas mãos se entrelaçam, num dançar para receber e passar o legado. “Eu [Monica] recebo em 1992 o bastão da Dança Circular Sagrada de Jane Vieira e Samira Christina Dora Scholziger. Em 1987, Trigueirinho passa a se dedicar à criação de Figueira, uma comunidade situada em Carmo da Cachoeira/MG, afastando-se de Nazaré, enquanto Sara permanece com o grupo de residentes, sustentando espiritualmente este local até abril de 1999, quando retorna aos EUA, tendo sua saúde debilitada”. Mesmo não voltando mais ao Brasil, suas sementes continuam sendo plantadas e regadas, você é uma prova disso, Jane (muita emoção)!”; assim encerro a entrevista com Monica Goberstein, realizada no dia 12 de dezembro de 2017¹³.

Compartilho essa entrevista com o propósito de registrar o que tenho constatado através desta pesquisa e ao participar de eventos nacionais e internacionais, como a Dança Circular Sagrada encontrou ‘território’ fecundo em nosso País e que tem dado frutos até hoje, como no caso de mais esta pesquisa, bem como o que aconteceu nas cidades e nas universidades. Contudo, vale considerar que muitos desses ‘frutos’ não foram e nunca serão registrados em escritos. A seguir faço referência a um importante incentivadora e formadora de focalizadores no Brasil, Renata Carvalho Lima Ramos, uma representante brasileira em Findhorn, sócia fundadora e diretora da TRIOM - Editora e Centro de Estudos.

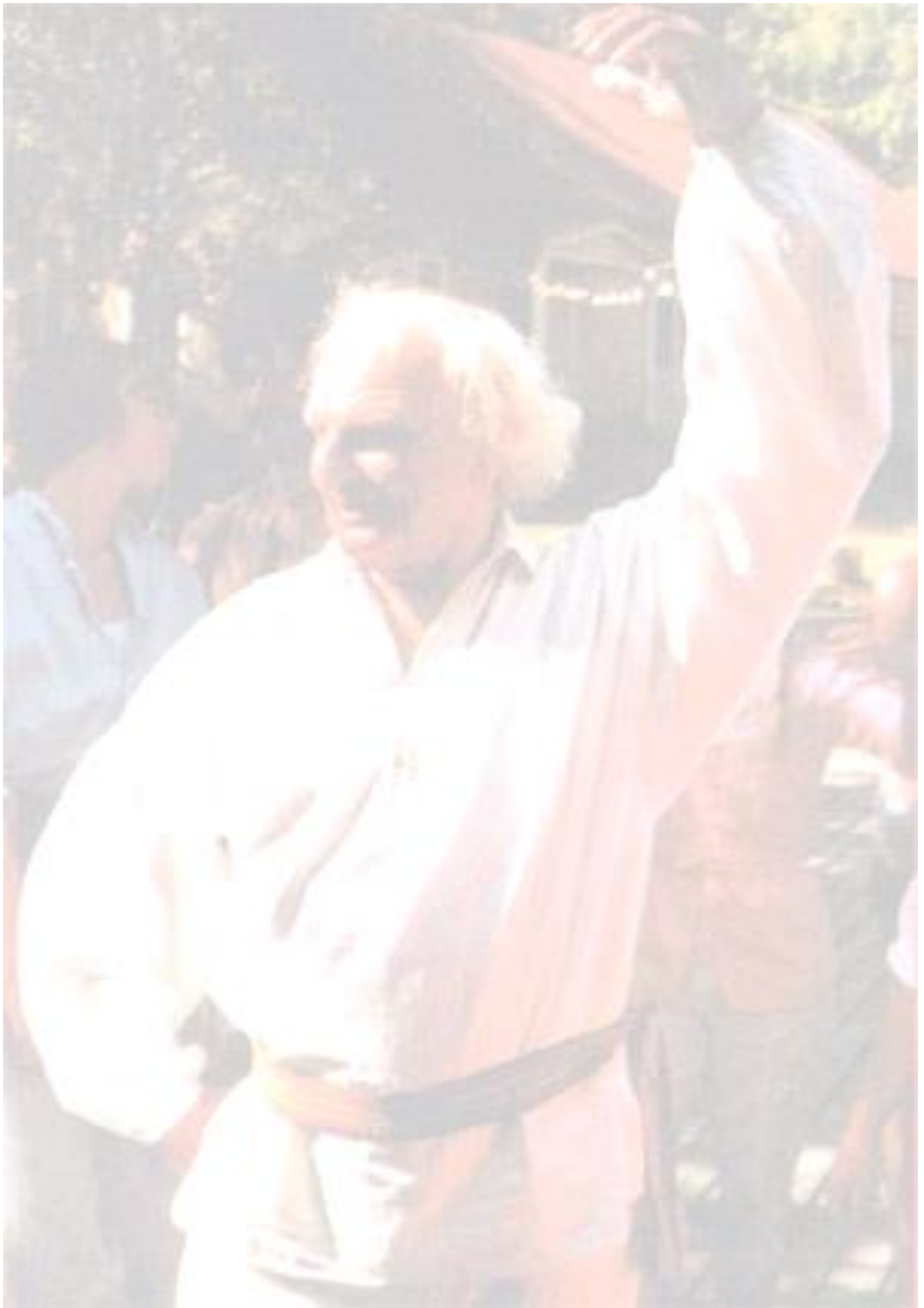
¹³ Entrevista cedida em 12 dez. 2017, às 10:00hs. em São Paulo/SP.

Vaneri de Oliveira e Arlenice Juliani, sócias do Semeia Dança, as quais foram minhas primeiras professoras da Dança Circular Sagrada. Denise Castanho Antunes que tem se dedicado na realização da Dança Circular Sagrada em Guarulhos/ SP, onde a minha história de amor com a Dança Circular Sagrada começou. Todas essas mulheres se tornaram parceiras na Dança da vida.

Portanto, me alinho a essas pioneiras no desafio de que a Dança Circular Sagrada, apesar de todo avanço tecnológico e mesmo aprimorada e adaptada à nossa brasilidade, não perca a essência para qual foi designada a milênios e que segundo a minha crença, foi estabelecida pelo Deus que dança (BAXTER 2002). Um Deus que nos convida a dançar “Venha para a festa da graça, realizada pelo Deus que dança. Essa festa é sua também” (BAXTER, 2001, p.55). Canção do Bailarino (WOSIEN, 1983).

A Canção do Bailarino

Tu, que moves o mundo,
Agora moves também a mim
Tu me tocas profundamente
E me elevas alto a ti
Eu danço
Uma canção do silêncio.
Seguindo uma música cósmica
E coloco meu pé ao longo das beiras do céu
Uma canção do silêncio.
Seguindo uma música cósmica
E coloco meu pé ao longo das beiras do céu
Eu sinto
Como teu sorriso me faz feliz.



Fonte: WOSIEN, Bernhard. Dança; um caminho para a totalidade. São Paulo, Triom, 2015

2. A DANÇA CIRCULAR SAGRADA E O CORPO QUE A PRÁTICA.

Desaloja a razão, perturba a ordem do discurso, pois solicita outras dimensões do ser, o corpo inteiro, espírito e alma (OSTETO, 2010, p.151).

A Dança Circular Sagrada está presente nos parques, nas escolas, nas universidades, nos centros históricos, nos hotéis, em resorts, em eventos familiares, nos espaços corporativos, comunidades, hospitais, clínicas psiquiátricas, UBS e CAPS. Em cada Roda encontramos muito mais que um simples processo de reprodução, há uma dimensão simbólica e sistema de significados que possibilitam a ampliação dos sentidos, o que pode resultar em uma melhora da saúde do corpo, alma e espírito. Por exemplo, em pacientes acometidos por enfermidades físicas (gastrite, enxaqueca, convalescências cirúrgicas, pós-operatório, etc.), ou enfermidades emocionais (ansiedade, depressão, fobia, etc.), pois atua na mente, nos aspectos cognitivos e memória. No espírito, com a negação ou desconsideração de suas subjetividades e transcendência.

Há transformação de sentidos no 'Encontro do corpo Profano com o Sagrado'. A Dança Circular Sagrada tem em sua dinâmica um envolver de amor, de alegria pulsante de vida e amizade, que pode tocar todos os presentes de forma atemporal, universal, sagrada, num ato tradicional e eficaz (vejam que, nisto não difere do ato mágico, religioso, simbólico). "É preciso que seja tradicional e eficaz, pois é nisto que o homem distingue-se, sobretudo, dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral" (MAUSS, 1974, p. 217).

A narrativa é fundamental como vemos na obra de Walter Benjamin (1892-1940) que se dá através do focalizador, pessoa responsável na transmissão oral, que ensina os movimentos para que a dança aconteça, mas esse acontecer não será só um ato corporal, a narrativa direcionará para que seja uma experiência integradora, sublime e exuberante. "Para começar a mudar é preciso transformar espaços em corpos. Aprender a rever e enxergar a cidade, a carne e o osso" (Memória do Curso: Walter Benjamin, 2018). Na declaração de Mauss sobre as técnicas corporais serem transmitidas de forma tradicional e eficaz, assemelha-se ao que tem acontecido na Dança Circular Sagrada ao longo dos anos. Uma Transmissão que se iniciou com o criador das Danças Sagradas, Bernhard Wosien, Pedagogo da Dança. Hoje, centenas de pessoas em muitos países e no Brasil,

investem em cursos, seminários, formação básica e ampliada, congressos, encontros nacionais e internacionais, fazendo com que o legado seja passado com qualidade, aliado às inovações na utilização dos novos recursos midiáticos e tecnológicos. A Dança Circular Sagrada de forma natural e simples atende a todas as exigências dessa sociedade híbrida da qual fazemos parte. Mesmo sendo mais uma opção em meio a tantas outras propostas, esta dança se apresenta como mecanismo para se atingir um viver equilibrado, em meio aos excessos de conteúdo, tensões e significados da hipermodernidade. Oferecer a Dança Circular Sagrada como uma prática de humanização e compreensão de subjetividades, bem como formas de ampliação do próprio mundo interno e do Universo que nos cerca é um ato de Amor.

Justamente o amor de Deus possibilita que o Logos se faça carne e habite entre nós. Este é ponto de partida da cura de almas de Jesus, que pelo amor suspende a oposição entre divino e humano, entre instâncias em conflito, entre pessoas em conflito. Não encarou o espiritual só como triunfo sobre sensual feliz e inofensivo, mas como o maior florescimento das forças divinas embrionárias na impulsividade (WONDRACEK, 2010, p. 68).

Entendendo que na Dança Circular Sagrada poderá ocorrer o ‘nascimento’ dessas forças divinas embrionárias e é nessa impulsividade que encontraremos “Apolo e Dionísio” (Wosien, 2015) embrionados, possibilitando a busca por equilíbrio entre compasso, ritmo e o encontro com a Melodia. Nesse encontro com nossos semelhantes, com a natureza (quando a dança é praticada nos parques) e com o sagrado, pode ser possível por alguns momentos vivermos uma plenitude de pertencimento, que poderá nos fazer mais humanos e sensíveis. Considerando que essa experiência tem em si uma ação de permanências e invisibilidades, enquanto possibilitadora de adentrarmos no mundo das subjetividades, da transcendência e consideramos a existência da eternidade, uma ‘dança’ que começa aqui e pode nos conduzir ao Céu (FERNANDEZ, 2017, p.261). Ao ler a carta do apóstolo Paulo, escrita no ano 65 D.C., aproximadamente 30 anos após a ressurreição de Jesus, onde escreve aos coríntios¹⁴, dizendo que nós teremos corpos celestes e corpos terrestres (I Coríntios 15:40). Quase dois mil anos passaram-se e estamos aqui

¹⁴ FERRILL, A. A queda do Império Romano: a explicação militar. Rio de Janeiro, Zahar, 1986. Corinto era uma das cidades mais ricas do Império Romano, localizada no atual território da Grécia. Seu porto era o acesso entre os mares Mediterrâneo, Adriático e Egeu, ou seja, ligava o Ocidente e o Oriente, sendo, portanto, uma cidade extremamente rica.

refletindo sobre essas verdades e possibilidades de um encontro com o Sagrado aqui e na eternidade. É isso que tenho vivenciado, presenciado. Por isso tenho sugerido como instrumento terapêutico e educacional, bem como uma opção no cotidiano, em que pais e filhos, donas de casa, profissionais de todas as áreas tenham a oportunidade desse Encontro.

Faz-se urgente ressignificar quanto aos valores que realmente importam, um resgate quanto à própria história. Por vezes parece que não é possível viver o presente, muito menos considerar que se tem uma memória e uma história. Uma eternidade (...). Há o conceito de que vivemos relacionamentos 'líquidos' (BAUMAN, 2000). Somos uma sociedade híbrida, nossa cultura está impregnada de várias culturas e buscamos uma identidade, valores e crenças. O que sabemos também é que há uma capacidade divina, muito positiva, no nosso povo brasileiro, que faz possível transformar o que poderia ser uma tragédia em 'ganhos'. Somos capazes de usufruirmos das riquezas e opções em todos os sentidos dessa miscigenação em que fomos 'gerados', sendo que essa é a realidade até os dias de hoje. Vejo isso na minha casa todos os dias, quando convivemos com essa 'mistura' de espanhol, português e indígena.

Sempre que entendemos e consideramos que o passado faz parte do presente e nos auxiliará na definição do futuro, progredimos como pessoas e como nação. A Dança Circular Sagrada pode ser aplicada como instrumento de fixação de memória através dos movimentos, das letras das músicas, das histórias contadas e cantadas. Aí estão os símbolos fixados pelas permanências culturais: Símbolos que se transformam nos movimentos das danças, dando acesso inclusive a outras culturas, o jeito de ser, crer, viver suas representações, emoções, sensibilidade e ideologias; as visibilidades e invisibilidades de um Povo. Para que melhor seja interpretada como recurso terapêutico, educacional ou simplesmente pelo prazer de ser feliz enquanto dança.

Apesar dos avanços conseguidos no domínio da informação e das tecnologias das comunicações, a opacidade em relação ao outro se agrava. Isso se constata em vários níveis da esfera doméstica à cena pública e internacional. Um mal-estar cada vez mais pernicioso parece se estender ao conjunto das situações de alteridade (DURANT, 1989, p. 57).

A Dança Circular Sagrada é uma proposta para administrar esse ‘mal-estar’ e de mãos dadas com outros saberes que também nascem com a proposta de compreender e mitigar o “mal-estar”. Considerando que Freud (1930) vai deixar trabalhos que nos fazem refletir, como sendo uma condição humana, mesmo sendo chamado de ‘mal-estar’, compreendemos que é isso que possibilita o homem se tornar mais humano, humilde e sensível na compreensão de suas limitações e de seus semelhantes.

O relativismo, relato, fato com interpretações diferentes, bem como o Subjetivismo, considera algo além do visto, sentido, são sistemas que fazem parte de todas as sociedades.

Seguindo nesta elaboração, encontramos recursos nos processos terapêuticos, na filosofia, no campo das artes, em todos os seus segmentos, literário, musical, artes plásticas, esculturas, museus, enfim, estamos cercados por possibilidades e linguagens que se propõem a ‘traduzir’ nossos mais profundos sentimentos, que se expressam no corpo, em suas percepções angustiantes, bem como de alegrias e prazeres. O corpo fala!

Se permitir dançar e por algumas horas ser levado por um fio que nos conecta com a leveza e descontração, pode ser uma vivência integradora, criadora. “Tudo o que é em si dividido e tudo o que perdeu seu sentido, aspira ardentemente pela unidade” (WOSIEN, 2015, p. 15). Unidade que está implícita como ‘finalidade’ na busca de todo ser humano, estudada e considerada pela ciência como fator de desenvolvimento, crescimento pessoal e coletivo. Unidade que nos fará capazes de entendermos novamente a linguagem da alma, as expressões do corpo, bem como a necessidade do espírito.

Jung, em seus estudos, faz-nos refletir que existe no ser humano uma tendência inata, natural e espontânea a encontrar seu Centro, sua unidade (JUNG 1954). Desde a nossa concepção, onde somos nutridos por ‘um fio umbilical’. Fio que ao nascer, é o primeiro ‘corte’ que se faz não para morte, mas para que a vida prossiga. Todos ficam com ‘seu umbigo’ e a partir desse nascimento inicia-se uma conexão de alma e espírito que vai seguir por toda a vida e a todos como um Todo.

Estão postos o desafio e as contradições dos dançarinos que hora precisam se desconectar de ideias e conceitos culturais, hora se conectar e se deixar ser ‘fiado’ por outros fios, onde teceremos novas formas de conexões e a cada dia acrescentando novos repertórios musicais e coreografias na ‘Dança da vida’.

A dança, como vimos, resulta em um 'Encontro' que se dá no Corpo, a partir da percepção auditiva, mental e física. O ouvido, órgão que antes mesmo de nascermos já está em pleno funcionamento, capta subjetivamente a composição matemática dos acordes. Esse Encontro é vibração, é física; é também, segundo a visão antropológica, conexão físico/corporal com o transcendental, que se dá pelo essencial (LELOUP 1998).

Através dos ouvidos, pés e dos rins: Temos em nosso corpo três estruturas em forma de sementes: os pés, os rins e as orelhas. Existe uma conexão entre eles, os pés escutam a terra e nos enraízam na matéria. Nos rins estão a escuta das nossas mensagens interiores [...]. Quanto às orelhas, elas estão lá para aprender a escutar os dizeres, as informações (LELOUP, 2004, p. 32).

A antropologia culturalista afirma, após estudar múltiplas culturas ameríndias, que ao nascermos tocaremos o Mundo através da 'escuta' da vida (STRAUSS, 2000).

A melodia é o som que 'recebemos' em transcendência. Neste trabalho, essa transcendência está sendo considerada como subjetividade, onde pode ser possível uma 'escuta' do Sagrado. 'Escutar' um 'Outro' que é o Sagrado (HERNANDEZ, 1998).

Escuta como condição para estabelecer algumas perspectivas e alteridade. Segue como base para esse estudo parte do trabalho desenvolvido pelo psiquiatra Argentino Dr. Carlos José Hernandez (1999). Em seu trabalho sobre o encontro com o 'outro', que é o ser humano; e com o 'Outro', que está acima de qualquer ser vivo e que é capaz de provocar uma transformação no ser Humano. Uma presença que transforma a existência na dinâmica estrutural de cada sentido: visão, audição, olfato, paladar e tato. Esse encontro promove saúde no corpo, alma e espírito, proporcionando uma complementaridade dos sentidos da interioridade; a saber: do sagrado, a vivência do controle espiritual em nós; da sexualidade: a vivência do controle do amor em nós; do cinético: a vivência dos ritmos em nós (respiração, pulsão); da cinética: o transcorrer do movimento à quietude. Da cinestesia: a vivência visceral de minha intimidade. Essa complementaridade que segundo a crença cristã se inicia aqui e se estenderá pela eternidade. Mauss (2008) vai

ênfatizar que, o mais importante é o ato de rezar e não a reza sem vida. É a intenção desse trabalho também, que os dançarinos encontrem vida e vida em abundância quando dançam! Outro fato importante tratado pela psicologia é que quando nascemos todos sofremos o corte umbilical para que a vida prossiga de forma independente, um corte que separa corpos para criar um único, iniciando uma conexão vital para que o sujeito seja capaz de crescer e desenvolver-se como pessoa. Essas são conexões invisíveis, estabelecidas desde o nascimento, que a psicologia, a antropologia e a sociologia, em conectividade, problematizam.

O bebê precisará saber que alguém lhe dará comida, sem exageros e que existe nesse mundo o dia e a noite. Precisarão saber também que existem vários tipos de pessoas, não existe mais só 'eu e a mãe', tudo se ampliou no momento do nascimento, porém, se o corte umbilical for sentido como apenas um corte, uma ruptura e não liberação, ampliação, visto não ser é opcional, mas um fato pré-estabelecido, ou seja, todo ser humano passa pelo 'corte' e a não aceitação se tornará em neurose e em casos mais severos, psicose¹⁵.

Esse trabalho após pesquisa e comprovação se propõe apresentar na práxis, as conexões possíveis na Dança Circular Sagrada. A partir dos encontros, segundo relatos obtidos em entrevistas e pela observação, comprovou-se o poder curador e libertador, bem como um deleite quando se dança. Sendo que essa práxis conta com diversos sons e passos num ser e vir. Percebe-se que nessa dinâmica há um processo de múltiplas conexões com povos e culturas das mais diferentes origens.

Culturas são criações humanas. A arte da Dança Circular Sagrada apresenta as conexões que permaneceram em meio às transformações da sociedade. Através da arte de dançar, a fé e as diversas crenças expressas pelos sujeitos na história, aparecem. Por meio do Criador da terra, do céu, do mar e de todo ser que vive, encontramos o '*Design* inteligente', conceito hoje amplamente estudado por cientistas de várias áreas, incluindo a física quântica.

Lembrando-nos de que nosso corpo é feito do mesmo material que o nosso planeta, nada mais, nada menos O ar em nossos pulmões é o mesmo que movimenta os oceanos e fustiga os desfiladeiros mais escarpados. A água que compõe mais de 98% do sangue que corre em nossas veias é a mesma água que uma vez formou os grandes oceanos e as nascentes das montanhas (GREGG, 2015, p. 35,36).

¹⁵ Esses conceitos de neurose e psicose não serão abordados neste trabalho, mas são eixos de conexão, a saber, a ciência psicanalítica e a psicossomática deixada por Freud.

É essa Conexão que desperta novas possibilidades de ampliação do mundo interno e externo. Foi assim, segundo a antropologia culturalista, com os povos antigos e está sendo com a sociedade moderna (BÔAS, 2000). Também pela filosofia da Fenomenologia (MERLEAU-PONTY, 1999.) “O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, op. cit., p. 14).

Vale destacar que ao acreditarmos que o caos (desequilíbrios existentes em nós e no nosso mundo), faz parte de um processo que culminará no retorno ao paraíso, afinal, foi lá que tudo começou e está escrito que é para lá que estamos caminhando, há um conhecimento, uma ciência que pode nos conduzir a um novo céu e uma nova terra. A Dança Circular Sagrada como qualquer outra área de conhecimento, nos ensina significados importantes para a vida, desenvolve percepções. Leva os participantes a uma vivência onde pode ativar, tocar o espírito, pelo qual um sentido de realidade é estabelecido, a realidade subjetiva. Nesse conhecimento subjetivo temos a dinâmica estrutural de cada sentido, bem como o encontro com o Autor do ‘Sopro’ da vida e que ‘inventou’ a dança, para o Seu e nosso deleite. Aí está a originalidade da etnologia religiosa de Mauss (1996). Ao longo de suas pesquisas, abriu possibilidades de renovações teórico-metodológicas para o campo das Ciências Sociais e da Religião.

Na antropologia das ‘técnicas do corpo’, como também nas ‘expressões obrigatórias do sentimento’. O psiquiatra Hernandez (1998), bem como o antropólogo Mauss, enfatizou que é possível ter uma experiência que atingirá o homem em sua totalidade (corpo, alma e espírito). As observações das práxis da Dança Circular Sagrada desvelam uma possibilidade onde essa experiência pode ser realizada. “Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 3). Ao longo desses anos na escuta psicanalítica, como pesquisadora e profissional da área, tenho visto como é realmente fecundo o processo terapêutico na Dança Circular Sagrada. É notória a sensação de libertação e leveza, pois muitas vezes o que está sufocando é o acúmulo de roupas mascaradas pelo ‘medo’ do ‘frio’, ou a falta de roupas na exposição de muito calor, enfim, quando chegamos ao corpo é que começa um

diálogo com nosso Ser. Não trataremos aqui desse processo de medo e exposição, mas é nítido quando na dança o sujeito consegue ser livre em seus movimentos corporais, independente das roupas culturais, considerando enfim, que 'roupas' trocam-se, mas o corpo é o que permanece. Permitir ao sujeito que encontre com seu movimento corporal independente da roupa (cultura), que o veste, ou que impuseram que vestisse.

Ser verdadeiro e autêntico é uma busca saudável de todo ser humano. Para realizar o desejo de dançar livremente e ao mesmo tempo consciente de que o corpo é capaz de movimentos belos e harmoniosos, é preciso nos submeter à 'análise', onde o processo de aprendizado e aprendizagem pode ser imediato ou não, mas com certeza acontecerá algo absolutamente 'mágico', surpreendente, sobrenatural, algo que vai além da nossa expectativa, justamente por envolver um Encontro com o idealizador da Dança. Dança que por suas características de mobilizar corpo e afeto, promove uma (re)educação dos sentidos e possibilita uma consciência que integra o sujeito com o coletivo e com o sagrado, favorecendo-o em âmbito pessoal, social e pedagógico, podendo servir como recurso instrumental no desenvolvimento contínuo e interdisciplinar.

Com conteúdo que leva à aprendizagem significativa, um trabalho social-educativo e ação comunicativa. A Dança Circular Sagrada será realizada no sentido de (re)pensar, (re)significar e recriar pela prática da corporeidade, que une a dinâmica de exercícios corporais, com dinâmicas não verbais, leitura e reflexão, um processo de integração pessoal e coletiva promotor de transformação. A disposição circular facilita o reconhecimento dos outros como corpo que se move e que se expressa, coloca todos por igual, pois na roda não tem quem fica atrás ou na frente, todos estão em posição de igualdade, de mãos dadas e os movimentos se harmonizam. Com a mão esquerda recebe-se e com a mão direita entrega-se, nesse posicionamento sutil e marcante a Dança Circular Sagrada se desenvolve sempre de forma mágica, única, ao som dos ritmos, compassos e melodias das mais variadas culturas. Após uma formação de Pós-Graduação, nos encontros nacionais e internacionais da Dança Circular Sagrada, ficam latentes para mim essa riqueza e as diferentes formas de expressões corporais. Adentrei em várias culturas. Destaco aqui a minha experiência com a cultura hebraica, onde os movimentos são saltitantes e libertadores, representativos de uma nação que por muito tempo, mesmo sendo escrava, sempre dançou. Os movimentos corporais da Índia, onde os

detalhes dos dedos das mãos, o levantar dos braços e da cervical, requerem uma 'fineza' ao realizá-los, o que chama à observação para as muitas repetições e para o aperfeiçoamento dos movimentos. Para algumas culturas africanas, onde a energia corporal está ligada à ancestralidade que sempre se dedicou às danças.

São muitas as comunicações e as linguagens. A Dança Circular Sagrada apresenta o gesto corporal em Unidade Original, não mais atentos às 'roupas' e sim ao Corpo que dança. A aproximação entre a fala e a análise do sentido do gesto corporal prefigura a intenção Merleau-Pontiana de buscar no corpo a origem do sentido da linguagem.

Para o autor, o modo de apreensão do sentido da fala do outro é o mesmo que o gesto corporal: eu os compreendo na medida em que os assumo como podendo fazer parte do meu próprio comportamento. Sendo assim, uma compreensão da noção de linguagem no pensamento Merleau-Pontiano requer uma elucidação desse movimento originário através da articulação entre as noções de fala, corpo, percepção e expressão (MOURA, 1999). Considero nesse trabalho essa conexão entre as noções de fala, corpo, percepção e expressão, como sendo um fenômeno. Executando-se o sentido jurídico do termo 'fenômeno', algumas definições auxiliam na elucidação e importância da dança, enquanto fenômeno.

Fenômeno: 1. Qualquer modificação operada nos corpos por agentes físicos ou químicos (todo indivíduo tem um ritmo, compasso e melodia. A melodia é o que pode nos modificar, como sendo agente externo que altera os estados físicos e químicos do corpo). 2. Tudo que é percebido pelos sentidos ou pela consciência (A Dança Circular Sagrada é percebida pelos sentidos e pela consciência). 3. Fato de natureza moral ou social (É uma prática social, está manifesta em todas as camadas sociais). 4. O que é raro e surpreendente (Traz uma sensação única, que surpreende). 5. Pessoa ou objeto com algo anormal ou extraordinário (É narrado pelos participantes como algo extraordinário).

Em todas essas definições encontram-se em termo conceitual e prático a ação da Dança Circular Sagrada sobre o sujeito que dança. O ato de dançar dá-se em resposta ao toque sonoro, despertando nosso estado de consciência e memória, vivenciando de forma única e integral um processo curador e educacional, com profundas implicações simbólicas e subjetivas.

Aprender a Dança Circular Sagrada é como aprender um 'novo' idioma. Se houver uma busca verdadeira, nossa consciência e memória chegarão ao idioma

original, logo, o reconhecerá e dançará, pois o 'idioma original'¹⁶ possui-nos tanto mais ainda do que o possuímos. Ele chega a dar prova de certo ciúme na sua maneira de 'possuir' (GIRARD, 2008, p.120).

Merleau-Ponty e René Girard narram sobre um idioma original. O que temos percebido é que a Dança Circular Sagrada nos remete a uma memória, 'a dança que já está no corpo' e que só precisa ser tocada e ouvida. É nessa interação de passo junta passo, que se dá o diálogo do corpo. Com a música, pode chegar-se à dança original, ao idioma original.

A análise estrutural pode não ler tudo, mas lê muito bem aquilo que lê. Assim também é com a dança, podemos até não dançar tudo, mas dançaremos muito bem a dança que aprendermos. O corpo tem sido estudado como um território, que se desterritorializa no tempo, ele tem prazo de validade, uma finitude. Mesmo com todos os avanços e recursos da ciência médica, a morte é iminente. Assim como a desintegração violenta de uma sociedade, a decomposição fisiológica leva pouco a pouco a um sistema diferencial muito complexo, a poeira indiferenciada. As formas do vivo retornam ao informe. A própria linguagem não mais consegue precisar o que acontece com os "restos" do vivo. O corpo que apodrece torna-se esta "coisa" que não tem nome em nenhuma língua (GIRARD, 1913, p. 232).

O corpo morre. A morte apresenta a unicidade do nascimento/falescimento. "Parece haver no sagrado tantas coisas heterogenias, opostas e contraditórias, que os especialistas desistiram de compreender a confusão" (GIRARD, 1913, p. 223).

O 'corpo dançante' aparece em todas as culturas em todos os tempos da história. Às vezes sensualizado, em outras, disciplinado, desvela regras sociais, religiosas e culturais. O corpo apresentará o novo aprendizado, por meio dos passos da dança, sendo ele mesmo, o veículo de comunicação e de ação social, pois através e por meio do corpo se é capaz de viver plenamente o presente. Segundo relatos obtidos em entrevistas e em outras experiências já observadas pela pesquisadora, a Dança Circular Sagrada tem o 'poder' de permitir aos seus participantes e, às vezes, até aos que apenas assistem uma Presença Plena, que resulta em uma satisfação interna e externa, com consequências que envolvem a mente, a emoção e o espírito.

¹⁶ De acordo com o relato bíblico de Gênesis, a humanidade tinha apenas um idioma nos seus primórdios antigos. Deus confundiu a linguagem humana em diversos troncos linguísticos dos quais surgiram vários idiomas obrigando os grupos humanos a se separarem pela superfície do globo.

Somos seres ‘fecundados’ e somos resultado de um ‘Encontro’, sendo que sutilmente a Dança Circular Sagrada nos faz sentir no pulsar da vida a Presença do Sagrado. Ele nos deu o Sopro da vida (LELOUP,1998). O corpo pode ser desvendado, penetrado e desvelado. Considerando que assim como na Dança Circular Sagrada, a leitura bíblica envolve a visão, a audição, as mãos, e pode ser também um instrumento curador do corpo, da alma e do espírito, como está escrito na carta aos Hebreus:

Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão da alma, e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração (HEBREUS 4: 12).

Entendemos que nesse encontro com os semelhantes, com a natureza e com o sagrado, poderá ser possível por alguns momentos vivermos em plenitude através da Dança Circular Sagrada, que nos faz mais humanos e sensíveis.

Deixar que a Dança Circular Sagrada nos conduza ao ‘oásis’, a uma Presença do inesperado que nos recebe (LELOUP, 1998, p.7). “O deserto nos revela a fugacidade e a fragilidade da existência humana, e quando se renunciou às miragens, ou seja, quando se renunciou a preencher os vazios com nada, revela-se o milagre desses instantes” (LELOUP, op. cit., p.9).

Apresenta-se a proposta de usar a Dança Circular Sagrada como um recurso nas travessias de nossos “desertos”.

[...] desertos, afinal, sabemos que todos temos situações de sequeidão, silêncio, imensidão, vento abrasador e um desamparo desértico em nosso Ser, causados por experiências traumáticas e que evoca sede, miragens e escorpiões, ou pelo simples fato da nossa humanidade, efêmera de Ser (LELOUP, op. cit., p. 6).

Na contemporaneidade faz-se urgente o resignificar de valores, e os que trazem o respeito aos Direitos Humanos e à existência humana, são os que realmente importam. Esta fase da história, por vezes parece não possibilitar um viver presente, com mais humanidade, parece maltratar o corpo que já foi disciplinado, educado, moldado e doutrinado. “O corpo é a nossa memória mais arcaica, nele nada é esquecido. Cada acontecimento vivido, particularmente na primeira infância e

também na vida adulta, deixa no corpo sua marca profunda” (LELOUP, 1998, p. 15). Ele é um documento da história.

Ao apresentar a Dança Circular Sagrada como um instrumento educativo, terapêutico e de lazer, faz-se possível “visitar” as marcas deixadas pela história e as possibilidades que a dança pode fornecer na contemporaneidade.



Foto: Jane Botelho Fernandez. Vivência com Veteranos – ACM/Guarulhos 06/06/2018



Foto: Cedida por Maria Vilma M. Carneiro - Vivência no Bosque Maia, 2705/2018

3. DANÇA CIRCULAR SAGRADA UMA PRÁTICA QUE COMUNGA MISTÉRIOS E ENCANTOS NA EDUCAÇÃO E NA ARTE.

O ato criativo é uma experiência profunda de totalidade e no fundo, permanece para nós como um grande mistério (WOSIEN, 2015, p 133).

Entendendo que todo conhecimento é construído ao longo da História, os vários saberes e conhecimentos contribuem para o Homem se constituir enquanto ‘ser’ em constante ‘vir a ser’. Ora autor, ora apenas receptor em busca de autorias, sendo que grande parte dessa construção pode se dar através da Arte. É como se todos fossemos artistas, protagonistas mesmo sem querer, porque a arte de ser é inerente ao meu desejo, pois se trata de um Desejo do Criador dos desejos, o primeiro artista, o protagonista da nossa História. Quando somos capazes de tecer os ‘fios’ dos encantos e mistérios da relação humana, da natureza e do sagrado, nos realizamos:

“Aprender a linguagem sem palavras da dança, significa um abrir-se, ser um aprendiz que busca atento pelo seguir os traços, pelo permanecer e pelo seguir... Treinar pacientemente e assim achar o caminho para as formas primevas do ser humano. Na percepção do silêncio, apoderar-se de sons e formas através da dança... (WOSIEN, 2015, p.136).

Está posta a possibilidade para que alunos e professores tenham a oportunidade dessa prática que se apresenta de forma abundante a todos, permitindo o encontro dos mistérios e encantos existente em cada um.

a) É linha que costura a existência.

Esse ‘fio’ existente na Dança Circular Sagrada entrelaça ciência, fé, arte e através dos conteúdos e no processo de ensino aprendido contidos nos componentes curriculares em interdisciplinaridades, está cada vez mais presente nas universidades.

Em “Pedagogia Profana” (LARROSA, 2001), obra que pode ser lida por educadores, professores, pedagogos, pais e todos os envolvidos de alguma forma com a prática educativa, encontramos conteúdos que desvelam a relação entre arte, dança e educação.

Questões que transcendem o ato de ensinar e que abrem espaço para os questionamentos aqui propostos; não obstante, como o estudante, os filhos da geração atual vivenciarão as novas e múltiplas formas de educar? Como o entrelaçamento arte, educação e o sagrado dar-se-ão? Larrosa entende por 'estudante' toda pessoa que está vivendo um processo novo onde se dá um aprendizado. Diante da liquidez do mundo contemporâneo, como a arte, a dança, poderão contribuir para o processo do 'vir a ser' do sujeito?

A Dança Circular Sagrada poderá se constituir enquanto mecanismo para diminuir a liquidez do mundo contemporâneo, dançando o sujeito terá oportunidade de criar um novo olhar, não previsto e 'estudar' a si mesmo.

Para Larrosa, a educação moderna é a tarefa do homem que faz, que projeta, que intervém, que toma a iniciativa, que encontra seu destino na fabricação de um produto, na realização de uma obra. Um ser 'irreverente' que se questiona e questiona a todos na busca de unidade, e de ser compreendido onde prevaleça o bom, o belo e o verdadeiro (Platão) de forma mimética. "A arte sempre teve algo de transgressivo, de antecipação ou revelação de ideias e comportamentos escondidos" (HERINGER, 2016).

Encontraremos essa irreverência em Dante Alighieri, universalista medieval e reacionário, quando resolve escrever a Divina Comédia, à qual se acresceu posteriormente a adjetivação de 'Divina'. Falando assim, em língua "vulgar", Dante foi entendido e permanece entendido até hoje (OTTO, 1959, p. 13). Esta irreverência é muito bem-vinda neste trabalho, inspirada atualmente por grandes mestres como Larrosa, Dante na Idade Média e Jesus, que na Antiguidade, há quase 2000 anos, ensinava através de parábolas, nas margens dos rios, sentado em montes ou andando nas ruas. Além da irreverência, há uma unidade de convicções religiosas, filosóficas e políticas, todas considerando o 'ser' em sua integralidade.

A dança como arte é também um ato político onde o povo pode se expressar. Dançar histórias de vários povos e culturas desde os primórdios da humanidade num descobrir atemporal e universal, que torne possível ao indivíduo (re)significar e acreditar em mudanças conceituais e estruturais, vislumbrando permanências e alteridade, é algo que instiga esta pesquisadora. Estabelecer o diálogo, recobrando a tessitura, percepções e realidades para uma melhor qualidade de vida no

cotidiano, por meio da arte de dançar, mesmo diante da realidade das relações 'líquidas'¹⁷ das quais todos nós vivenciamos.

Segundo documentos e registros, a vivência circular se fez possível em palácios e em becos. O russo Bakhtin (1987) afirma que a "circularidade" é usada para a comunicabilidade entre as culturas populares e eruditas, assim como a arte não pertence a uma classe social, com a globalização e a mundialização algumas expressões artísticas tornaram-se patrimônio da humanidade.

Estar conectados em Roda, voltados para o Centro, proporciona comunicação, união, sociabilidade e uma vivência mimética com o Sagrado, com "O Deus que dança" (KRUGER, 2002, p. 36).

A Dança Circular Sagrada é pensada nesta pesquisa como possibilitadora de vivência contemporânea nos processos educacionais e na vida cotidiana. No mundo hipermoderno, a arte de dançar se apresenta como um mecanismo para o viver. É necessário dar o devido valor à arte de dançar, proporcionando um território adequado. Em lugares abertos como parques, com uma estrutura para o som. Em ambientes fechados, locais com espaço para a Roda, que podem ser simples ou sofisticados, pois como já escrevemos, a circularidade permite existir em lugares distintos e o que permanecerá será a essência de Autenticidade que está impregnada na dança.

"As universidades têm promovido mudanças metodológicas nas disciplinas, permitindo o redescobrir de alguns saberes e práticas, as descobertas temáticas, testemunhos, documentos e fontes" (MATOS, 1998, p. 80). A 'irreverente' arte da Dança Circular Sagrada solicita um espaço, dentro e fora do sujeito.

Pode se tornar ainda mais significativa com o respaldo dos historiadores da Cultura que entendem que antigas fronteiras e limites tradicionais podem ser superados (CHARTIER, 2000).

Nesta relação de subentendimento e cumplicidade está a unidade de saberes necessários para aprender, relativizar, desvendar comportamentos nas redes sociais, compreender linguagens, os ditos e não ditos, relações imaginárias,

¹⁷ Segundo Bauman, em *A Modernidade Líquida* (Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001), líquido é o conjunto de relações e instituições, além de sua lógica de operações, que se impõe e que dá base para a contemporaneidade. É uma época de liquidez, de fluidez, de volatilidade, de incerteza e insegurança. Neste período toda a solidez e todos os referenciais morais da época anterior, denominada pelo autor como modernidade sólida, são retirados de palco para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade.

percepções mentais, decodificar sistemas de signos e de representações. O processo de comunicação e construção de saberes é movido pela sonoridade de cada música, pelo ritmo, pelo passo que se dá em Roda, onde poderemos encontrar uma arte que comunga mistérios e encantos.

b) Subjetividades afloram em dança

A dança só reencontra seu grande estilo quando é a expressão ou a esperança de uma vida coletiva, como de fato foi há milênios nas sociedades não ocidentais. Invocando e prefigurando o futuro de um mundo em gestação e novas formas de vida por criar, a arte moderna nasceu fora da sociedade oficial, nas catacumbas. Em 1900, os senhores da época ignoravam tudo que fosse futuro e num atelier sórdido de Montmartre, que era chamado, por zombaria Le Bateau-Lavoir, alguns artistas em torno de Picasso, redescobriam a pintura, ao mesmo tempo em que a dez mil quilômetros dali, em São Francisco, uma menina, Isadora Ducan, surgia para descobrir a dança (GARAUDY, 1913, p. 52).

No Brasil, grande em extensão territorial e em população, com diversidades culturais locais, regionais e globais, esse movimento e aplicação da Dança Circular Sagrada, já se faz presente. Sua prática, ainda que muito pequena, está acontecendo, como foi no passado e como escreveu GARAUDY (1913), ainda que nas 'catacumbas'.

c) O Fio que percorre ciência e arte.

Há um fio que percorre continuamente todas as culturas humanas que conhecemos e que é feito de dois cordões. Esse fio é o da ciência e da arte (BRONOWSKI, 1983.p.30).

A arte de dançar pode ser revisitada em aulas, em atividades do campo da saúde e em oficinas nas comunidades.

Contribui para o ensino da História, Sociologia, Psicologia e Comunicação, pois a dança sempre esteve presente na história do homem. A Dança Circular Sagrada compreende exercícios corporais, descritos desde os tempos das

catacumbas nos primórdios do cristianismo¹⁸. Seus efeitos eram descritos como não indo para as tumbas, mas atravessando a morte (ARIÈS, 2000).

Filosofia e arte, juntas, não são fabricações arbitrárias no universo da cultura, mas contato com Ser justamente enquanto criações (MERLEAU-PONTY, 1964).

A Dança Circular Sagrada pode permitir que os dançarinos, ainda que por um breve momento, sintam-se plenos, em transcendência, em tempo e ritmo subjetivo. Essa arte conecta-se com uma eternidade existente dentro de cada um. Conscientes de que é um movimento pessoal e coletivo, que por vezes faz o dançarino se sentir caminhando na contra mão, é resistência, dentro de uma cultura marcada pela impessoalidade e pelo pragmatismo, onde os relacionamentos tendem a ser superficiais e funcionais. A arte foi e tem sido uma grande aliada para manter o fio da unidade, estabelecer o pertencimento, promotora de saúde emocional/mental.

A proposta de Bernhard Wosien era resgatar o conceito de amizade com o interior, com os semelhantes e com a Trindade¹⁹. Incluo aqui a natureza e as cidades. O corpo que quando dança vai refletir nas cidades onde o ser dançarino habita. Infelizmente, está nítida a destruição que temos contemplado dos corpos e cidades, danificados pela poluição sonora e visual. A obra de arte está sendo construída e as permanências e invisibilidades estão postas.

O mundo contemporâneo descaracteriza e descentraliza o sujeito/corpo nas cidades. A poluição do ar e sonora, os ritmos fragmentados e entrecortados das metrópoles, a disciplinação e o consumo acometem diretamente o corpo. Tal, disciplinado pelos discursos provenientes na família, sociedade, estado, igrejas, ciências e mercado/consumo, está contaminado por essas variáveis e em silêncio. Silêncio que provoca medo, tédio e irritabilidade em muitos sujeitos.

A Dança Circular Sagrada pode servir como um processo de sensibilização pela arte de dançar e nutrir valores que respeitem os direitos humanos, a humanidade, a natureza e a arquitetura das cidades.

¹⁸ Devido à feroz perseguição promovida pelas autoridades romanas aos cristãos, algo iniciado pelas autoridades judaicas já na fundação da Igreja no ano 33 d.C. em Roma era costumeiro que os cristãos se reunissem em catacumbas da cidade ou em subterrâneos de outras cidades do Império, locais evitados pelos supersticiosos por considerarem tais locais como 'mundo dos mortos' ou 'submundo'. Somente nestes locais, a Igreja conseguia se reunir para praticar sua nova fé, algo que perdurou até o século III d.C. Assim, por séculos os cristãos foram tachados como praticantes de magia negra, adoradores de demônios, ateus, a religião das trevas, etc.

¹⁹ Trindade é a doutrina central da cristandade que ensina a unicidade divina expressa em três pessoas consubstanciadas em Deus, o Pai; Deus, o Filho; Deus, o Espírito Santo. É o mistério central da fé da maior parte das religiões da cristandade.

Há a necessidade da conexão sobre o relacionamento corpo/alma. “Devemos voltar ao cogito e procurar ali um Logos mais fundamental do que o pensamento objetivo, que lhe dê seu direito relativo e, ao mesmo tempo, o coloque em seu lugar” (MERLEAU-PONTY, 1998, p. 489-490). Um lugar de resgate e ressignificação, de encontro. Por exemplo, ao refletirmos na relação estabelecida entre pais e filhos, desde a concepção, na qual não escolhemos nossos pais, algo tão simples e ao mesmo tempo tão profundo, que nos revela a presença de Deus, afinal, não é um acaso. Certamente esses diálogos refletirão na comunidade, na sociedade e no mundo, lembrando que essa relação fundante, entre pais e filhos, envolve três. Somos fruto de um encontro de dois, para que se tornem três.

Experiência simples e misteriosa, quando refletimos nos damos conta da riqueza que esse fato representa. Talvez, sejam exercícios como esses que nos levarão ao entendimento no que há de mais interior em nós.

Considerar que o pensamento nos entrega ao mundo e ao reino da exterioridade, enquanto que a ação seria estranha a esse mundo e nos mergulharia no que há de mais interior em nós, não é algo conforme aos nossos hábitos filosóficos.

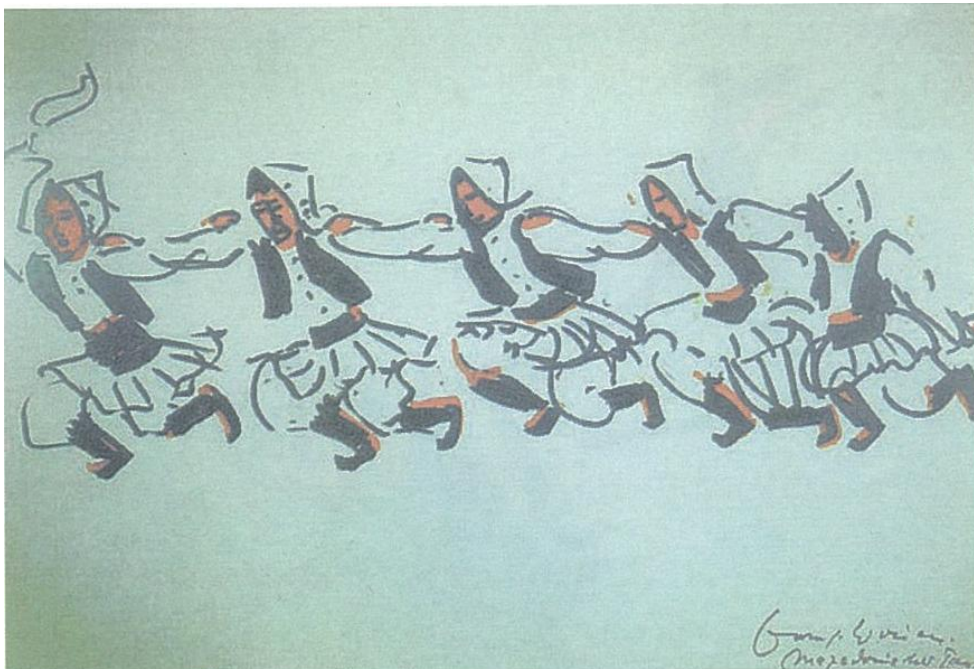
Contudo, quando a ação bruscamente nos convoca, é no mais profundo de nós mesmos que mergulhamos, na noite abissal da subjetividade absoluta, até esse lugar onde dormem as potências do nosso corpo e onde, reunindo-nos a elas, as colocamos em movimento – aí onde se atualizam, de súbito, as potencialidades da subjetividade orgânica, onde se manifesta o “Eu posso”, fundamental que constitui a nossa existência, aí onde somos um conosco mesmos, na unidade original onde não há nem transcendência, nem mundo (MERLEAU-PONTY, 1998, p.137).

Reflexões e exercícios dessa natureza refletirão na cidade onde habitamos, cidade de pedra, mas que tem em suas esquinas e ruas, as marcas humanas, nós as construímos, são como ‘extensão’ de nossos corpos, nossas casas.

A cidade é uma representação simbólica e subjetiva do cidadão urbano. Diante dessa realidade e sob a égide de consumo, apresenta-se aqui uma proposta onde é possível, através da força do coletivo, resgatar algo tão sublime e simples como o ato de dançar de mãos dadas, sem preocupações com estéticas dominantes. Esperamos que nos movimentos da Dança Circular Sagrada, a cidade de São Paulo receba harmonização visual, sonora, que proporcione um encontro poético com a subjetividade do amor e que essa amorosidade atinja todos os

processos educacionais e terapêuticos existentes e que surgirão a partir desse novo estilo de vida.

Como toda arte transcende o tempo atravessa rios e oceanos, ela se faz presente nesse trabalho que a cada dia está sendo construído como uma Obra de Arte.



*Dança masculina
da Macedônia*

Fonte: WOSIEN, Bernhard. Dança um caminho para a totalidade, São Paulo, Triom, 2015, p.97

4. A POÉTICA DO ENCONTRO: RESULTADOS

O primeiro passo da dança é o enraizamento. Encontrar o eixo imóvel que nos permitirá abandonarmo-nos aos movimentos do inspirar e do os expirar (LELOUP,2005).

Os relatos obtidos em entrevistas com pessoas que participaram da Dança Circular Sagrada na Universidade Presbiteriana Mackenzie forneceram os dados para análise de quão importante é esta prática para constituição de sujeitos protagonistas de percepções e mudanças iniciadas em si e, então irradiadas para outros. Desvelam que a Dança Circular Sagrada pode ser recurso terapêutico e também educacional, não só no sentido escolar, mas no sentido complexo, amplo, que envolve o sujeito em suas várias etapas de desenvolvimento desde a infância até a fase mais avançada da vida.

Os participantes puderam se aproximar e apropriaram-se de si mesmos, num tempo em que evocaram lembranças e sentimentos familiares, sentiram-se livres até para errar e continuar na dança, acertar o passo e seguir na roda. A realização vem em cada término e início de uma nova dança.

Sentiram-se 'aprendizes' de si mesmos, receptores de cuidados e de atenção. A dinâmica que a Dança Circular Sagrada proporciona é comunicativa e interativa. Na aplicação observaram-se processos de desenvolvimento e de ressignificação de identidades, de territorialidades.

Por se tratar de um projeto contínuo, de assistência e sem pressa, é possível acompanhar o amadurecer dos passos, entrar em ritmo e compasso, bem como o estabelecimento das relações de sociabilidades, unicidade, trocas de saberes, comunicação, representação e subjetividades dos participantes em exercício.

Como uma reeducação alimentar, o nosso corpo precisa se adaptar para nunca mais deixar de dançar. "A dança é uma oferta dessa ordem, onde pessoas dançam umas com as outras, elas se educam e formam a si mesmas" (WOSIEN, 2000, p. 66). Ao ler no texto 'Humanidades' de Chartier (2000) a frase de Francisco Quevedo: "Escutar os mortos com os olhos", debruço-me e entrelaço leitura de livros, artigos e teses. Os autores até aqui tratados dialogam com pensadores de diferentes áreas: Na educação Paulo Freire, na filosofia Ricouer, na sociologia Giddens, na psicanálise Freud e na pedagogia da dança Wosien.

Seguindo os passos deles, esforçar-me-ei por compreender qual foi o lugar do escrito na produção dos saberes, na troca das emoções e sentimentos, nas relações que os homens mantiveram uns com os outros, consigo mesmos ou com o Sagrado (CHARTIER, 2000, p.40).

Nessa busca em compreender o processo fundamental para o aprimoramento do Ser Humano, vários saberes se comunicam em conhecimento poderoso;

Conhecimento poderoso é aquele que inspira o trabalho de comunidades de especialistas, que denominamos de comunidades disciplinares, que são formas de organização social para a produção de novos conhecimentos (YOUNG, 2010, p. 12).

Processo definido pelo sociólogo Brasil Bernstein (1996), como recontextualização: o movimento de tirar o conhecimento especializado do contexto acadêmico para colocá-lo em um novo contexto, o da disciplina escolar. Espera-se de fato que essa proposta traga ‘ganhos’ para os alunos e se torne uma realidade nas escolas. Entende-se que a escola não está restrita a uma instituição específica e formal, mas sim a todo ‘espaço’ território, onde se propõe transmitir conhecimento que contemple múltiplos saberes e práticas de desenvolvimento humano individual e coletivo, considerando inclusive a Casa onde estamos inseridos, onde nascemos e convivemos (FREIRE, 1989).

A consciência corporal, a qual atualmente tanto se pesquisa, será discutida aqui enquanto prática na formação do educador, bem como parte de um currículo de qualidade para as crianças: a educação é o desenvolvimento de uma relação com o conhecimento e não com fatos ou mesmo com leis científicas (YOUNG, 2014). A seguir registro os relatos dos que participaram da experiência, suas emoções e percepções.

4.1. DANÇA CIRCULAR SAGRADA NA PRÁTICA:

Relatos entrecruzados com a teoria de trabalhos acadêmicos.

- Modelo para entrevista – História oral.

A questão a cada entrevistado foi:

Como a Dança Circular Sagrada pôde contribuir no seu processo educacional e terapêutico, durante esses três encontros?

Obs.: Somente um dos participantes tinha dançado uma vez, os demais não conheciam a Dança Circular Sagrada.

Dei nome de estilos de dança para cada integrante das respectivas entrevistas ressaltando que não há uma ligação direta com as falas nem com a pessoa entrevistada, apenas como um registro dos vários estilos dançados em nosso país e que todos esses estilos podem ser utilizados na Dança Circular Sagrada.

1) Educadora.

- A nossa primeira integrante a falar será o **Samba**. “A educação precisa reaprender a questão da roda, hoje o que se percebe é mais uma visão de engrenagem (mecânica, fria) que muitas vezes machuca mais do que ensina ao longo dos anos”. Esse relato nos remete ao trabalho de Ostetto quando em seu livro afirma que “a dança é um universo de conhecimento diferente, desconhecido, mais próximo da arte que da ciência” (OSTETTO, 2015, p.151), conteúdo esquecido pelo homem moderno condenado ao império da razão. Esse Homem precisa reaprender a dar as mãos, “como Educadora, entendo que o estar junto, o ato de dar as mãos onde de um lado você está doando e do outro você está recebendo, esse simples movimento hoje está muito escasso, a educação perdeu um pouco disso. Para mim também foi uma experiência introspectiva. Estar com outras pessoas na roda mexeu com travas internas, tocou profundo nos sentimentos, na emoção, me desestabilizou, mas ao sentir a Roda fui sentindo confiança e me entregando por inteiro, vendo que seria possível aprender as danças e dançar!”. “Desaloja a razão, perturba a ordem do discurso, pois solicita outras dimensões do ser, o corpo inteiro, espírito e alma” (OSTETTO, 2015, p.151). **Samba** finaliza seu relato dizendo que a Dança Circular Sagrada “pode ser um caminho para um Encontro de ternura e afeto em toda e qualquer relação de ensino aprendizagem. Onde o aprender e o ensinar acontecem juntos, de mãos dadas” (risos).

2) Estudante de Pedagogia

- Nossa segunda entrevista foi com a **Valsa**, que inicia seu depoimento considerando o quanto a rotina na Educação tem se tornado somente uma sobrecarga para alunos e professores, “hoje com a sobrecarga de atividades e exigências com as crianças, sobra poucos momentos deixados para eles serem livres. Desejo ver a professora e a criança na roda como um benefício para ambas, onde estarão usufruindo de um tempo para brincar de roda, alegrando a alma, fazendo possível um encontro de alma, de sentimentos, de ritmo que embalam”. Ostetto nos lembra que “não há espaços para a alma na

formação de professores [...] a educação institucional ajuda nesse distanciamento da alma” (OSTETTO, 2015, p. 151). O calendário deve ser cumprido custe o que custar, o tempo ‘livre’ se reduz a quase nada. “O professor precisa estar alimentado e conectado com a sua expressão, precisa reconquistar o seu poder imaginativo se pretende e deseja garantir a expressão e a criação das crianças” (OSTETTO, 2015, p.174). Para a **Valsa** esse tempo das danças seria fundamental para que professores e alunos possam rir, se divertir juntos (...), todos os dias, aproveitando até os ‘erros’ dos passos e o estar na roda como uma possibilidade onde todos estarão aprendendo juntos. Na roda ela se viu igual a todos, aprendendo as novas coreografias, estilos e em contato com outras culturas. Tirar as crianças das cópias e da cobrança de que tem que saber, acertar sempre. Na roda todos aprenderão juntos e serão autores de ‘seus passos’. “Do contrário, sua sombra (do professor) será projetada nas crianças e nelas refletirá a sua impotência e a sua tristeza de não poder se firmar autor” (OSTETTO, 2015, p.174). **Valsa** ao se referir quanto ao Tempo que nem crianças, nem professores têm, em função da rotina imposta pela família, instituição escolar, etc.; acaba por ser perder, se atropelando com a famosa frase “não dá tempo”, trazendo à tona uma das mais difíceis realidades de administrar nessa era da hipermodernidade, o ‘TEMPO’. A insistência em lidar com o Tempo de forma somente linear, ignorando que o seu movimento também é cíclico. Assim como a roda é circular.

Talvez um dos motivos que fazem das danças circulares algo tão envolvente, seja o fato das coreografias se constituírem em fenômenos cíclicos. Ou seja, os passos são agrupados em sequências que se repetem no decorrer de toda a música. Dessa maneira são reproduzidos os ritmos da natureza: o começo e o fim, o nascimento e a morte, o dia e a noite, as estações do ano, além dos ciclos que compõem a biografia humana (LEITE 2012.p 3).

- É fundamental trazer essa vivência onde a circularidade pode ser propiciatória de cumplicidades. Essas experiências poderão fazer parte de uma vivência diferenciada de ensinar e aprender”. Com essas palavras encerra seu depoimento.

3) Estudante de Pedagogia

- Nossa terceira entrevista foi com a **Dança Moderna** que, ao ser surpreendida pela dança, acaba por surpreender a todos do grupo, ao iniciar sua fala muito emocionada e com lágrimas, relata que desde o primeiro encontro foi sendo tocada de tal forma pelos ritmos pessoais e coletivos. Citando como exemplo a dança do sol (Cantata de Bach, coreografia de Wosien²⁰) “os movimentos dessa dança me fizeram entender que estava aprendendo algo novo, já

²⁰ Repertório referente ao 3º módulo da Capacitação Ampliada em Danças Circulares. Dança Circular, uma Meditação Ativa-Convivida Renata Carvalho L.Ramos.Maio.2013.São Paulo.

dancei muitos tipos de dança, mas aqui é diferente, a gente para se sentir bem precisa aprender a dança com quem está do lado direito e do lado esquerdo, assim eu nunca tinha dançado”. Relata que no terceiro encontro, ao dançar Ya Noor (musica UK, coreografia de Stefan²¹), pôde se soltar, chorar, deixar a emoção vir à tona sem receios e sem medo, confiante de que ao se expor poderia ser acolhida e compreendida pelos participantes da Roda, foi capaz de receber dos dançarinos não só as mãos, como também os corações entrelaçados. Assim compartilha o quanto está ferida com os conflitos nos relacionamentos familiares e religiosos que tem enfrentado na sua casa.

Educadoras em pleno processo de formação universitária, testemunharam a essencialidade e a importância de levar as danças para o espaço acadêmico, pois elas [as danças] tocam num lugar que o curso normalmente não toca [...] a importância de partilhar encontros indizíveis que contribuem para ampliar o que temos chamado de repertório cultural, repertório que só pode ser vivencial, profundamente relacionado com a inteireza de ser, conquistada na relação com o outro (OSTETTO, 2015, p 173).

- Ao ouvir esse relato ficou combinado que teríamos mais encontros, pois tínhamos entendido que nós e muitos outros precisam dançar, compartilhar a vida, seus medos e anseios e que essa experiência que estávamos vivenciando poderia se estender a outras pessoas.

Mais do que constatações, considero esses aspectos analisados como sinais de um caminho através do qual poderemos nos aventurar, cautelosamente ensaiando passos. Começamos, pois, promovendo encontros que ofereçam, pelo menos, uma quebra na linearidade do processo, possibilitando ensaios de duvidar, de se arriscar, para colher a incompletude e a provisoriade do conhecimento. As danças sagradas circulam por aí (OSTETTO, 2015, p.174).

- A **Dança Moderna** após essa experiência enfatiza que terá como um dos seus alvos a educação emocional, na escola existem poucas pessoas falando sobre isso, a escola ajudando a pessoa: “aprender a lidar com o sentimento que ela tem”. Assim, finaliza sua fala emocionada e emocionando a todos na Roda.

4) Professora e Arte- Educadora-Doutoranda

- Em quarto lugar segue entrevista feita com **Salsa**. “Vim para desfrutar dessa experiência, levei a sério quando no primeiro dia sob a orientação da Jane todos falamos alto e para nós mesmos a frase: ‘Isso é para mim’. Não dançar

²¹ Workshop SPICE OF LIFE, com Stefano Freedmann, 07 a 10 de Abril de 2016. Organização pelo Semeia Dança-SP, Brasil.

para aplicar, o que marcava o caráter despretensioso, fortuito daqueles momentos de entrega que, depois, puderam ser resumidos na expressão testemunhada com sabor de descoberta: ‘é um tempo para mim!’ (OSTETTO, 2105, p 176). “Certamente uma experiência que marca minha jornada como educadora, pois esse “é para mim” não significava uma individualidade, afinal, todo tempo estávamos conectados com o grupo, com a Roda e com um ‘centro’ marcado por objetos, decorações que nos lembravam que o que nos conecta é também um Centro, assim considere a sugestão de que apesar do nosso centro naqueles dias estar no chão, podíamos imaginar um tronco ou algo que elevasse esse centro nos dando também uma visão horizontal, e assim não só na roda, mas ao sair na rua, coloquei esse ‘olhar’ em prática e foi libertador e liberador de perspectivas. “Olhar para o horizonte me renovou nas danças e no meu cotidiano”. **Salsa** diz que vivenciou a liberdade de poder ter espaço para apreciar as coisas ao redor e olhar para dentro de si. Receber e doar de si. Trocas muito enriquecedoras. Viu na roda a possibilidade de crescimento (Vygotsky). Como é possível estabelecer relações e estar aprendendo de mãos dadas com todos, a desconstrução do erro e a busca do acerto. “Foi para mim um ressignificar a própria cultura ao ouvir, refletir e dançar músicas brasileiras, conhecidas, bem como entrar em contato com músicas lindas de outras origens, culturas de diversos países”. O crescimento de acesso a informações para mais indivíduos de diferentes culturas é uma forma de questionamento do real de identidade estáveis, uma possibilidade de inovação, de surgimento de novas perspectivas e relações com as diferenças, aqui, as culturais (BERGALLO, 2104, p. 48). Na Dança Circular Sagrada se dá nos diferentes ritmos e corporeidade dos povos antigos e atuais, através das coreografias vamos tendo contato e incorporando através da arte de dançar todos os povos!

- Concluindo diz **Salsa**: “não consigo estabelecer onde foi educacional ou terapêutica essa vivência com a Dança Circular Sagrada, sei que tudo aconteceu de forma lúdica, a memorização, a concentração, ao mesmo tempo se deu uma aprendizagem terapêutica”.
- “Sugiro que nos próximos encontros possamos ouvir as músicas com som mais alto, e assim sentirmos a vibração ainda mais pulsante no corpo, alma e espírito”. (risos)

5) Estudante de Pedagogia

- **Balé**, nossa quinta entrevistada inicia se desculpando, pois nos dois primeiros dias chegou atrasada, porém, diferente de tudo que já vivenciou, até por ter morado fora do país, foi que, ao chegar na roda sente-se acolhida e que quando ainda demorava para pegar os passos, além de não ser reprimida logo percebia que, com a ajuda de quem estava à direita e à esquerda, logo podia se sentir na ‘dança’ e isso a fortalecia para ficar e saborear também as próximas danças, o que não é muitas vezes possível no ‘mundo aí fora’,

“quando a gente erra, sai fora, desiste. Isso muitas vezes tem muito haver com a maneira como somos criados. Com tantas regras e ‘não podes!’. Na roda a gente percebe que precisa do toque, do abraço, de alguém que pegue na nossa mão”.

- Quando dançamos os ritmos do sol e da lua, nos damos conta não só da importância do religar-se à natureza, à vida, aos eventos sagrados da natureza, mas também do resgate da cultura, dos valores mais profundos e arquétipos presentes nos rituais, com os quais a vida moderna nos faz perder o contato (WOSIEN, 1996).

Percebemos, também, a sensibilidade, a emoção, a comoção - coisas que estão sendo perdidas no nosso dia-a-dia, na nossa realidade virtual e tecnológica, e que precisam ser retomadas, recuperadas. Isso precisa ser experimentado, vivenciado (ALMEIDA, 2005, p.98).

- Na roda viu o ‘saber ser’ diz **Balé**, lembrando que este conceito faz parte de um dos Pilares da Educação publicada pela ONU (Organização das Nações Unidas). Enfatiza que como ela “muitos universitários precisam ter essa experiência. Imagina quantos estudantes estão aqui na nossa Universidade, mas se sentem só e cada vez mais isolados devido aos seus erros e atrasos. Sugiro que façamos outros encontros num espaço que possamos dançar, tirar os sapatos, sentir o chão e a grama”. (risos)

6) Estudante de Pedagogia

- Nosso sexto entrevistado foi **country**, que diz ter sido bem especial participar porque ele “não sabia por qual razão estava ali naquele momento, ao se propor a participar de algo que não conhecia”. Depois entendeu que tudo seria assim para ele em relação à Dança Circular Sagrada, os objetos no chão a maneira como falamos nossos nomes, tudo era surpreendente. Logo percebeu que na dança os objetivos não são individuais, mas sim em grupo. No círculo a gente se sente fazendo parte de algo. Que é sagrado.

Percebi que estas danças alteravam o meu tônus corporal: minha postura melhorava, minha disposição física aumentava; meu estado emocional se alterava - ficava mais alegre e mais calma, e que algumas delas me tocavam numa profunda emoção de maneira a me deixar “ligada” num estado mais sensível e perceptível a algo mais profundo e denso como se tocasse algo sagrado, ou como se os gestos e passos presentes nas danças favorecessem um contato com uma dinâmica diferente, mais espiritual (ALMEIDA, 2005, p.44).

- “Algo que ‘sai’ da gente e se une a de outros harmonicamente, simultaneamente. Fazendo da dança um fenômeno integrador. Mesmo não

conhecendo as pessoas, foi estabelecido um diálogo com todos através da dança. Um diálogo de movimento.”.

- É preciso seguir um ritmo, saber que faz parte daquele ritmo, contar com o ritmo do outro. É um fenômeno que une as pessoas e apaga alguns preconceitos. Aquele momento era sagrado, uma experiência única.
- “Foi possível entender o próximo além de si mesmo. Desenvolver o senso comunitário, unir-se. O seu saber passa a ser de todos e o de todos, seu também”.

A dinâmica das aulas, oficinas ou vivências das Danças Circulares Sagradas nos colocam no campo da experiência do dançar-junto, constituindo-se como uma linguagem que é, ao mesmo tempo, histórica, corporal e intelectual. Leva em conta que o processo de compreensão da dança é singular e único e que depende da experiência de cada sujeito dançante (BARCELLOS, 2012, p.3).

- “Sem fala, sem palavras, apenas com gestos e os movimentos corporais, fui aprendendo um novo idioma, o da Dança. Sem preconceitos, dançamos juntos, ‘escrevendo’ com os pés como você nos ensinou, obrigado Jane”.

O entendimento do corpo como sujeito, que atua e participa de redes complexas de relações, sujeito e agente de diferentes formas de percepção do mundo, do outro e de si é recente, portanto, as práxis corporais, as estratégias de [sobre] vivência, o redimensionamento de potencialidades [intelectuais e artísticas], se estabelecem em terreno arenoso, vulnerável, maleável, permissivo, generoso, sofrido e prazeroso (BERGALLO, 2014, p.47).

- “Isso com certeza fará toda a diferença quando servir de inspiração no processo de ensino aprendido em toda e qualquer instituição educacional, até mesmo em nossas famílias, dentro da nossa casa”.

A realidade acadêmica é sempre outra, a cada ano/semestre, a cada turma. A cada novo grupo de estudantes, há novas trocas de conhecimento, novos contextos, realidades, enfim, questões e condições excepcionais para construções (caóticas) colaborativas de mediação, certo? Dança na universidade: Para quem, por quem e como? (BERGALLO, 2014, p.56).

- Emocionado, **country** acrescenta que logo no início da sua primeira vivência desejou muito dançar com sua família e que quando for visitá-los (mora sozinho aqui em São Paulo, veio para estudar) deseja dançar com as irmãs e a mãe.

7) Psicóloga, Mestre em Ciências da Religião

Nossa sétima entrevistada foi com o estilo **Soltinho**

- Participar da roda na Dança Circular Sagrada foi uma experiência interessante e lúdica. “A roda, o círculo, cria vínculos. Cria pertencimentos, favorece a troca entre pessoas que em outras situações nem se dariam um ‘bom dia’”.
- “É uma atividade que traz leveza e não invade a individualidade dos participantes, uma vez que não expõe ninguém, tudo é experimentado na complementação de uns para com os outros, porém, internamente creio que cada um que estava participando vivenciou experiências distintas. No início dos movimentos da dança, percebia-se certa timidez e preocupação de não errar a sequência dos passos ensinados. E essa preocupação ia se desfazendo com o desenrolar da música, quando a própria pessoa se apropriava da música e passava a ser a música em movimento”.

É possível dançar mesmo sem conhecer bem os passos ou a música, existindo apenas a mão que toca, que segura, que apoia, que ajuda a andar, que sustenta o desafio, a mão que ajuda a dançar. Quanta alegria nos rostos, nos corpos, na plenitude dos gestos de mais puro agradecimento! (BARCELLOS, 2014, p.2).

- “Para mim foi uma experiência positiva, estava agitada com algumas tarefas a serem cumpridas ainda naquele dia e comecei um pouco tensa, mais mecânica, com o desenvolver da atividade, as músicas e as explicações a cerca de cada uma, naturalmente fui me sentindo mais leve e pronta a estar na roda, usufruir, ser parte integrante”.

Para as artes em geral, esse contato, atravessamento de informações, permite aos indivíduos ampliar suas possibilidades de expressão, levando-se em consideração maiores possibilidades de acesso e entendimento de suas próprias definições/fronteiras” (BERGALLO, 2014, p.49).

- “As coisas ainda estavam por serem feitas, mas a agitação estava controlada e dando espaço para algo que gerasse em mim um momento de paz e de cuidado comigo mesma, na medida em que dançava, vislumbrava maiores possibilidades de acesso e entendimento sobre várias situações que preciso resolver.”.
- “É como que se essa dança tivesse o poder de ‘dar’ a cada um o que está precisando, para alguns, acolhimento, a outros, discernimento, para outros ainda, relaxamento, pertencimento. Ela é muito generosa” (risos).

8) Estilista - Educadora

- Nossa oitava entrevistada foi a **Circular**, que com sorriso e emocionada dizia estar muito grata, pois tinha sido remetida ao seu ‘sagrado feminino’ na dança da gratidão, **Circular** se referia à música Amazing Grace, coreografia de Rose

of Raby²². O que a fez me lembrar de outra vez em que dançamos juntos no ano passado, diz que naquela ocasião estava extremamente triste, pois tinha acabado de receber a notícia sobre a enfermidade que havia acometido seu noivo. Mas que, ao dançar dessa vez, foi novamente inundada por uma força e entusiasmo que não saberia expressar em palavras, naquela experiência foi consolada, e após essa tarde, ao chegar à sua casa, foi capaz de ter uma conversa com seus pais que há muito tempo era necessária, uma conversa de adulto. (risos)

Deixar-se arrebatado é entrar no fluxo do movimento, onde é possível encontrar uma perfeita harmonia entre o corpo e espírito. [...] Na aventura do dançar- junto se estabelece uma malha de refletividade que possibilita viajar no terreno do sensível e do multidimensional, materializado na compreensão de cada dança, na escuta de cada música, na execução de cada movimento (BARCELLOS, 2012, p.07).

- **Circular** continua seu relato dizendo que “esta dança, se usada na educação, pode trazer para as crianças companheirismo, amorosidade, o compartilhar, o amar, enfim, aquilo que foi a dança para mim, infinitas possibilidades, falaria dias a fio (...), acredito que se a Dança Circular Sagrada fosse introduzida nas escolas, o mundo estaria de outro jeito... teria amor, ritmo”.

As danças podem enriquecer, incentivar, nortear a aprendizagem de um modo geral nas áreas de ciências, matemática, geografia, geometria, favorecendo a interdisciplinaridade (ALMEIDA, 2005, p. 132).

“Portanto, o que vivenciamos e ouvimos nas entrevistas é que a Dança Circular Sagrada transcende o Tempo, pode ainda enriquecer incentivar, nortear, ressignificar os processos de ensino/aprendizado, institucional, familiares”.

Na aprendizagem significativa, a referência principal é a vivência das pessoas, o que elas têm como experiência pessoal e que influencia as suas experiências futuras e a sua visão do mundo. As diferentes linguagens artísticas (pintura, música, dança, poesia, escultura, teatro etc.) são um canal e um modo de comunicar com os outros de uma forma holística, ou seja, encarando-os como um todo, como seres íntegros e complexos que são – e, por isso, permitem a construção de conhecimento e o desenvolvimento de aprendizagens significativas (LEITE, 2013, p.9).

- Ao estabelecer esse encontro através da Dança Circular Sagrada novos significados surgem no pessoal e coletivo, então como relata “Circular” se faz possível perceber uma nova conexão, confirmando assim o que temos lido em teses registradas em outras universidades.

²² Repertório do Curso com Petrus Schoenmarker. Danças dos Povos que Encantam I Junho 2013, São Paulo.

9) Editora das imagens e músicas

- “Essa foi a minha percepção ao observar, filmar o grupo naquelas tardes, as coisas iam se fazendo, os movimentos como a filmagem, iam acontecendo diante dos meus olhos e surpreendentemente se harmonizavam e seguiam na busca de aperfeiçoar os passos até se tornar uma dança, algumas serenas outras mais agitadas, as cabeças iam se erguendo na medida em que os pés se firmavam no ritmo individual e coletivo, a dança se fazia com todos”.

“As técnicas deixam de ser na contemporaneidade o foco principal (do dançar), para Fazer dança” (BERGALLO, 2014, p.53). Uma dança que não tinha nada de espetacular, mas parecia muito especial, única, um show de bola (risos).

A percepção e as ações, fruto de relações com o próprio corpo, entre os corpos e meio (relações), determinam e estruturam a eficácia ou não das ações corporais e a coerência do discurso que constituem as danças, destacando e apresentando novos e diferentes valores, arriscamo-nos a dizer, novos virtuosismos, que não malabarismos corporais espetaculares (BERGALLO, 2014, p.53).

- “Sob o olhar da filmadora, o que observava eram pessoas se descobrindo e sendo descobertas pelos mais diferentes tipos de som, ritmos e compasso que, ao toque da melodia, buscavam uma conexão que fazia possível atingir uma harmonização e sincronia quase que mágica (MAUSS, 1974), pois ninguém havia ensaiado ou mesmo se quer conheciam a maioria das músicas, o que começava quase sem ‘rumo’ rapidamente encontrava sentido e direção, trazendo a realização individual e coletiva. Todo esse movimento foi registrado nas cenas gravadas dos participantes da Roda naquelas tardes de 14 a 16 de abril de 2018, na Universidade Presbiteriana Mackenzie”.

O reconhecimento da dança como área do conhecimento provocou a criação, nas duas décadas, de novos cursos de ensino superior nesta área, cujo número, nos últimos oito anos, passou de 12 para 33 no Brasil. Essa nova realidade vem afetando positivamente a qualidade das pesquisas e dos projetos acadêmicos de dança, principalmente com relação às abordagens relativas à produção de conhecimento através da prática, mediação artística-pedagógica pertinente a seu ensino e desenvolvimento (BERGALLO, 2014, p.54).

- “Eu estava gravando, fotografando, mas todos também tiveram que exercitar a observação em si e no outro para seguir a ação, um ser social, participando em todo tempo com olhar, memória de cada um com os seus registros humanos, até que todos ficassem bem à vontade até para errar (risos) e continuar a dança, pois logo o fluir era estabelecido até o final de cada dança.

Do ponto de vista social a dança trabalha na observação da pessoa: dela mesma e do outro; no trabalho coletivo, de grupo, poderá contribuir na desinibição de sua postura frente ao mundo que a cerca (ALMEIDA, 2005, p.133).

Sendo assim, observa-se por meio das danças a experiência em processos artísticos com perspectivas culturais e históricas de cada participante, pois todos trazem consigo uma bagagem, uma história (EARLS; LUNT, 1989).

4.2. CONCLUSÃO

Ressaltamos as palavras de Steiner e Husemann, (1984, p. 311): “Curar é educar, educar significa curar”. Concordamos com as palavras deste autor - educação e cura andam juntas (ALMEIDA, 2005, p.134). Após a filmagem passamos para a gravação das entrevistas e o que me surpreendeu foi como os participantes trouxeram à ‘baila’ agora em palavras, seus afetos e desafetos, choro, risos fizeram-se presentes e como no passo junta passo, de mãos dadas com quem estava à direita e à esquerda, ligado por um centro, agora todos sentados no chão, as palavras fluíam com amor e delicadeza por quem falava, por quem ouvia. Experiência que poderá ser ouvida, lida nos registros desta pesquisa. Talvez por influência da focalizadora, que é psicóloga, foi possível estabelecer um encontro que parecia uma terapia de grupo num cuidar educacional e curador.

Dos relatos dos participantes conclui-se que a Dança Circular Sagrada cumpre funções de inúmeras relevâncias. É artística enquanto expressão de ‘dança’; tem caráter educativo porque auxilia a pessoa a lidar com os aspectos de motricidade e coordenação do corpo; é cultura porque tem seu lastro em séculos de prática por diversas civilizações. Acima de tudo, é interdisciplinar porque cria convergências entre muitas áreas do saber, possibilitando às pessoas que a vivenciam estabelecer as conexões que lhe são necessárias segundo a sua necessidade, contexto e realidade.

Propõe-se, então, que nas escolas os professores sejam capacitados a ensinar as crianças, adolescentes e adultos, sobre a importância com os cuidados da corporeidade no processo de ensino-aprendizado. Nesse processo, a dança poderá entrar e utilizar das músicas e dos ritmos de diferentes culturas, para tornar agradável a vivência em Fenômeno Educativo. “É necessário introduzir o sujeito na pulsão da vida, seja pessoal, seja social” (SOUZA, 2010, p. 20). Entende-se que

essa pulsão de vida é a prática regular da Dança Circular Sagrada, pois a educação social não se limita ao desenvolvimento cognitivo e de habilidades individuais, mas em construções do ser:

Ela dá primazia ao sujeito mergulhado nos dramas sociais, chamado a responder às exigências da vida e a encontrar um sentido existencial. Educadores sociais, programas sociais e políticas públicas devem assumir como pressuposto essa valorização dos atributos do sujeito. O sujeito possui a potencialidade de apropriar-se de parcelas do imenso oceano de conhecimento construído pela humanidade e de transformá-las (SOUZA, op. cit., p. 22).

Esse sujeito é chamado a ser protagonista da sua vida na busca do equilíbrio. Poderá se servir das práxis da Dança nesse oceano em que muitas vezes se vê imerso de muitos saberes e de informações sobre si e sobre o mundo. Cuidar de si é não perder o sentido da própria existência.

É fundamental considerarmos que há de se ter um tempo de descanso, de serenidade, o qual deverá ser programado, disciplinado e introduzido no cotidiano.

O educador, o 'aprendiz', não poderá somente sair "Reproduzindo as relações de produção dominantes na sociedade" (SOUZA, op. cit., p. 23). O que se sabe é que o estresse e a perda da autoestima podem levar à desistência do professor, numa sociedade que não valoriza seus profissionais da educação, retira-lhes a alma.

Eis o ponto agudo do estranhamento: não há espaço para a alma na formação de professores (como de resto, na educação de um modo geral). A dança circular provoca a possibilidade de tocar o coração, iluminando e florescendo a alma (OSTETTO, 2010, p 151).

Eis o chamado através de mais um trabalho onde é possível pesquisar, mensurar e comprovar a necessidade e mais que tudo, a possibilidade de oferecer aos professores e educadores em geral a Dança Circular Sagrada como recurso educacional que possibilite uma vivência de prazer; simples e previsível em qualquer planilha orçamentária das instituições governamentais de saúde e educacional, em redes particulares e comunidades em geral.

"Na sociedade produtiva, os professores vão se tornando meros 'facilitadores', máquinas de reprodução social [...] Daí a necessidade de aprofundar as reflexões, estudos e pesquisas, sobre processos e métodos educacionais criativos" (GADOTTI, 2008, p. 30). Apresenta-se então esta arte de dançar como um método possível a

ser realizado dentro e fora dessa importante instituição reconhecida em todo país, a Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Num olhar contínuo, crítico e instigado, questiona-se afinal, “o que dá grandeza às universidades? Não é o que se faz dentro delas, é o que se faz com o que elas produzem” (FERNANDES, 2008, p. 7). Deixaremos de formar universitários, só reproduzindo, copiando, distanciados de si mesmo, quando essas pessoas forem capazes de entender o que realmente desejam e podem realizar em prol de si e de seus semelhantes. Investir tempo em reflexões e na dança poderá contribuir para esse “encontro” que é ontológico.

No texto *O Enigma do Capital e as crises do Capitalismo de Harvey* (1935) ao refletirmos sobre a realidade desse Ser vivente no mundo ocidental, encontramos uma sociedade que dá ênfase ao consumo, que consome. É necessário praticarmos uma busca diária por “atualizar” valores e prioridades que importam para uma vida mais equilibrada.

O Aprendiz é também um ser: Subjetivo e Complexo. Como psicanalista, constato o quanto esses fatores são relevantes na constituição Humana.

A tradição iluminista deixou entre outras heranças, a noção de subjetividade autorreferente, centrada no indivíduo, unificada, articulada em torno do pensamento validado pela razão, com a qual a totalidade da história da humanidade pode ser compreendida e dominada (MATOS, 1998, p. 27).

Nomear e reconhecer a subjetividade foram marcos para a compreensão da totalidade do ser enquanto pessoa humana, hoje amplamente considerada e estudada principalmente pelas ciências humanas. Destaco, para a compreensão desse conceito, filósofos que marcam presença com seus estudos fenomenológicos quanto à subjetividade ligada ao corpo - L'Essence, Henry (2004) reconhece o caráter imanente da subjetividade. Seguindo temos Maine de Biran (2006) a subjetividade está no corpo: a realidade do nosso corpo coincide com seu saber interior, que nunca é um pensar e tampouco se oferece a um pensamento: o corpo transcendental, isto é, o corpo fenomenológico originário do ser humano é um saber interior de cada um de seus poderes, saber que se identifica com esses. O movimento da mão, por exemplo, se conhece interiormente sem necessidade de uma reflexão, e seu conhecimento interior não é alheio ao movimento, mas, ao contrário, é idêntico a ele: só se conhece o movimento pelo próprio movimento.

Considerando essa noção de subjetividade, chamo a atenção para a relação de amor e ódio, existente na vida desde a concepção do ser humano. Estudos que serão apenas citados, pois se faria necessário uma outra pesquisa de tão importantes e complexos que são, porém, entendo ser fundamental mencionar para uma breve reflexão. O legado deixado por Melanie Klein em seus escritos sobre. A técnica da Análise de Crianças Pequenas (1924) e dinâmica da Inveja e Gratidão (1957).

Enquanto estou escrevendo esse trabalho recebo diariamente nas mensagens do grupo do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC) notícias de estudos, encontros, medicação, desmedicalização, enfim, tudo o que possa ser uma intervenção terapêutica para diminuir, prevenir e socorrer famílias acometidas pelo suicídio.

Sobre a subjetividade:

[...] pode-se dizer que não existe uma subjetividade do tipo recipiente que apenas interiorize coisas interiores, ela está amarrada com a exterioridade. A subjetividade é social, cultural, assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares e coletivas. É multifacetada e multidimensional, repleta de relações sociais e ações sociais que contém o gênero e sua transversalidade (MATOS, 1998, p. 28).

Considerando o alto índice de patologias sociais, escolheu-se o tema desta pesquisa, Dança Circular Sagrada: Práticas Simbólicas, Subjetividades, apresentando-se os objetivos que transpareceram nos relatos dos que fizeram parte da experiência, cuja meta era o exercício da subjetividade em alteridade²³, de compreendê-la na corporeidade. Buscou-se verificar o encontro no corpo que nasceu pelo renascer na dança, em cada roda de dança, com a memória do corpo do passado. Considerou-se também o Ser Misterioso existente em cada um de nós.

Como se não bastasse essa complexidade e incompletude do Ser. Carece-se de percorrer algumas questões desenvolvidas por Sigmund Freud (1856-1939), que vai 'traçar' entre suas teses, a fundamentação sobre sonhos (1900) e atos falhos (1901-1916). Após anos de exaustivo trabalho deixa um legado com princípios

²³ Segundo Emmanuel Lévinas, em Totalidade e Infinito (Rio de Janeiro, Editora 70, 1988). A alteridade é a capacidade de se ver o outro como reflexo de si sem se anular. Assim o exercício da alteridade permite à pessoa desenvolver-se num processo que permite respeitar a diversidade e necessidade alheia, lembrando que o *alter* (outro em latim) é também parte simbólica do 'eu'.

fundamentais para a compreensão Humana, paradigmas nas ciências biológicas e psicológicas (psicossomática). Mesmo não se aprofundando nessa pesquisa sobre o legado Freudiano sobre esses conceitos, seguimos considerando esses saberes, que após as oficinas e observações dos dançarinos, encontramos nesse corpo em dança: o corpo objetivo e subjetivo, sonhos, atos falhos, enfim, a memória que é o 'centro histórico' pessoal, na qual o ser visitado e estudado pode nos revelar histórias fixadas ou que se desejou perenizar.

Encontramos todas essas expressões refletidas nesse 'ser' que se permite vivenciar a Dança Circular Sagrada. A Dança Circular Sagrada traz memórias e culturas enraizadas do passado para o presente, em ressignificação. Para fundamentar esta parte do ir e vir em memória, as propostas pedagógicas de Paulo Freire contribuem significativamente para a construção de conceitos e concepções que podem apresentar uma ideia 'ontológica universal'.

Todos os seres (ele se refere apenas a seres vivos) são incompletos e inconclusos (acrescentaríamos: inacabados). E os três termos embora tratados por ele como sinônimos, não o são. Cada um deles apresenta um significado inequivocamente singular: todos os seres são incompletos porque necessitam uns dos outros; são inclusos porque estão em evolução; e são inacabados porque são imperfeitos. Dessa 'ontologia universal' emerge uma 'ontologia humana': se a incompletude, a inconclusão e o inacabamento são inerentes também aos seres humanos, o que os distinguiria dos demais seres, o que seria idiossincrático à espécie? Para o educador pernambucano, diferentemente do que diz na tradição filosófica, a singularidade da espécie não estaria na inteligência, nem na vontade livre, mas o que distinguiria os seres humanos dos demais seres é o fato de terem consciência de que são incompletos, inconclusos e inacabados (ROMÃO, 2016, p. 292).

Num paradoxo universal, atemporal, como fará bem lembrar que, ao mesmo tempo em que somos únicos, somos coletivos, finitos e eternos, portanto, diante de visibilidades e invisibilidades, retenhamos as permanências. Todas essas discussões desvelam que as ações artístico/culturais promovem deslocamento da (in)visibilidade para a visibilidade e exigem dos estudiosos da área da história da cultura, artes e educação, novas reflexões e adensamentos teóricos interdisciplinares (SCHWARTZ, 2017).

Apresenta-se então a Dança Circular Sagrada já reconhecida nas mais importantes universidades do nosso país, bem como nas unidades de saúde em geral, nos processos para tratamento e prevenção, como uma ação cultural e

artística capaz de trabalhar o individual e coletivo, as finitudes e o eterno que habita em todos nós. O que faz dessa Dança apaixonante! Morin declara:

A transmissão necessita evidentemente, da competência, mas, além disso, requer uma técnica e uma arte. Exige o que não se encontra indicado em nenhum manual, mas Platão já afirmava como condição indispensável de todo ensino: o Eros, que é simultaneamente, desejo, prazer e amor. Desejo e prazer de transmitir o amor pelo conhecimento e amor pelos alunos. O Eros permite dominar o gozo ligado ao poder, em benefício do gozo ligado ao dom (MORIN, 1995, p. 75).

Entendemos que são experiências dessa natureza que possibilitarão que a esperança prevaleça. “Há uma esperança, não importa que nem sempre audaz, nas esquinas das ruas, no corpo de cada uma e de cada um de nós”. (FREIRE, 2007, p. 10). Há um som, um ritmo em cada corpo esperando para ser ‘tocado’ e ao som da melodia ser dançado nas ruas, nas praças, nas escolas, universidades, etc.

Na arte de flunar podemos encontrar o espírito da Dança Circular Sagrada.

Eu amo a rua [...]. Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhes as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades, mal, sãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes, a arte de flunar (JACQUES, 2010, p. 129).

Desde que a Dança Circular Sagrada se tornou parte dos projetos da Educação Ambiental temos vivências espalhadas em algumas praças da cidade de São Paulo e em muitos Estados e Municípios que praticam a Dança Circular Sagrada, urbana, como uma errância: “Dentre os errantes e nômades urbanos encontramos vários artistas, escritores ou pensadores que praticam errâncias urbanas” (JACQUES, 2010, p. 128).

“Ações miméticas são a base destas experiências aparentadas a realidades externas.” (FICHTNER, 2010, p.35). As ações miméticas consideradas por Fichtner, Girard e Benjamin, bem como a reflexão escrita pelo Apóstolo Paulo, quando diz: “Sede meus imitadores como eu sou de Cristo” (1 Coríntios 11:1). Essas ideias sobre o mimetismo, escritas recentemente ou há muitos anos atrás, nos auxiliam a se livrar das neuras de que temos que ser inéditos, ao mesmo tempo, nos faz vivenciar uma certeza de que, o que somos e o que pensamos, quando expressado com amor e bondade, nos faz únicos. Levar a sério o ser mimético muitas vezes adormecido, como a dança dentro

de todos nós, é uma 'lição' poderosa, ensinada por esses Seres de luz que habitaram aqui na terra e que como nós, sofreram pressões, mas foram fortalecidos quando alicerçaram sua esperança e fé ao considerar o mimetismo, que pode transformar o espaço, o tempo e o homem.

Louvada seja a dança porque liberta o homem do peso das coisas materiais, e une os solitários para formar sociedade. Louvada seja a dança, que tudo exige e fortalece a saúde, uma mente serena é uma alma encantada. A dança significa transformar o espaço, o tempo e o homem, que sempre corre perigo de se desfazer e de ser somente cérebro, ou só vontade, ou só sentimento. A dança, porém, exige o ser humano inteiro, ancorado no seu centro, e que não conhece a vontade de dominar gente e coisas, e que não sente a obsessão de estar perdido no seu ego. A dança exige o homem livre e aberto, vibrando na harmonia de todas as forças. Ó homem, ó mulher, aprende a dançar senão os anjos do céu não saberão o que fazer contigo (Oração de Santo Agostinho).

É preciso também ficarmos alertas ao conselho de Frederich Nietzsche quando diz: "Aqueles que foram vistos dançando, foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música" (NIETZSCHE, 2002, p. 10).

Percebe-se que a finalidade essencial da Dança Circular Sagrada não tem nada de espetacular, é apenas uma proposta capaz de remeter a pessoa a si mesma, ao seu centro e se desejar a 'um lugar sagrado'. Ela é simples por fazer parte de um movimento sutil e natural. Somos seres que pulsam, que vibram nos batimentos cardíacos e na corrente sanguínea. A Dança Circular Sagrada poderá harmonizar através da melodia os nossos 'sons' e movimentos que estão no corpo pedindo para serem liberados e assim vão se afinando, equilibrando e dançando. Será necessário se negar ao ritmo mais acelerado que vem de 'fora' para se adentrar em um ritmo por vezes até bem acelerado que vem de dentro de cada ser, porém, desejada e desejoso de se perder no tempo e se encontrar no ritmo da música que conduzirá para a dança.

Como um errante de si, "O errante urbano seria, sobretudo, um homem lento, voluntário, intencional, consciente de sua lentidão e que, assim, se nega a entrar no ritmo mais acelerado (movimento do tipo rápido), de forma crítica" (JACQUES, 2010, p. 124). Em cada encontro da Roda o processo será um convite para uma conscientização de que é preciso se desenvolver, seja aprendendo a ler, escrever, seja aprendendo com a dor física ou da alma. Considerando que esse encontro

entre seres humanos requer uma leitura de ambos, “A leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência. É por em jogo o corpo, é inscrição num espaço, relação consigo e com o outro” (CHARTIER 2000, p. 34).

Na minha experiência como profissional da saúde mental, vejo que essa leitura dá-se de forma pessoal, às vezes até mesmo diferente de uma formação familiar, cultural, podendo representar a doença ou a cura da pessoa enquanto eventos intraindividuais como representações mentais, estudadas pela Psicologia Cognitiva e pela Psicanálise.

Considerando que:

[...] dois aspectos são particularmente relevantes neste segundo eixo do campo de estudos das representações sociais. Em primeiro lugar o posicionamento sobre a relação indivíduo/sociedade, que foge tanto ao determinismo social onde o homem é produto da sociedade, quanto ao voluntarismo puro, que se vê o sujeito como livre agente (SPINK, 1999, p. 3).

No estabelecimento do ‘equilíbrio’ entre o ser social e o ser sujeito é que pode estar o desenvolvimento de nossos aprendizes, o que resultará em uma evolução real da sociedade. Equilíbrio que poderá ser apropriado ao praticar e se beneficiar dos recursos que a Dança Circular Sagrada oferece.

Uma história da leitura não se pode limitar unicamente à genealogia de nossos modos de ler em silêncio e com os olhos, mas tem a tarefa de redescobrir os gestos esquecidos, assim é quando dançamos, os movimentos se dão ao serem ‘tocados’ de forma consciente, como uma leitura deve ser, consciente, para que seja aflorado o que já se sabe (CHATIER 2000, p. 53).

Em cada leitura de uma obra de arte, de uma melodia, de um filme, pode-se ir encontrando significado e ‘amparo’ para nossa existência, transformações e permanências culturais e folclóricas, “como seres sociais, históricos, seres fazedores e transformadores, que não apenas sabem, mas sabem que sabem [...]. A partir daí seguem sabendo e exigem saber mais” (FREIRE, 1981, p. 61).

Numa perspectiva interdisciplinar, cuidando “para ler as entrelinhas, observando detalhes pequenos, mas significativos, incluindo ausências significativas” (BURKE, 1987). Vamos aprendendo a Dança na Roda da vida onde habitamos. Onde, no passo, junta passo e às vezes num salto, como propõe a

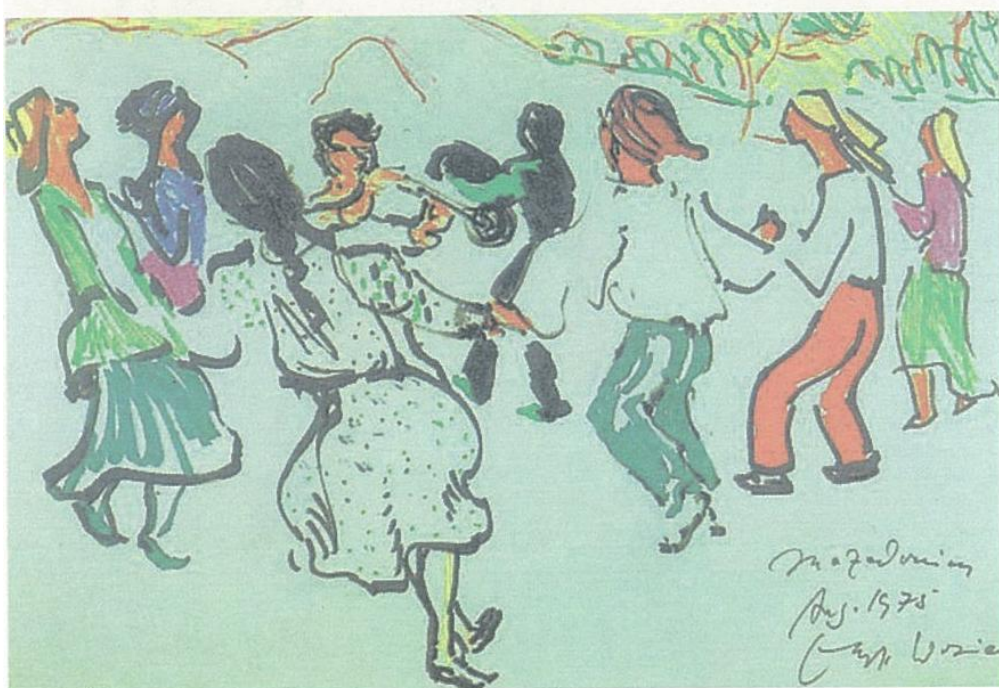
Dança Circular Sagrada de Wosien, as 'entre linhas' de estudos que se tornam fundamentais para essa pesquisa e sua constituição.

Todo o conhecimento, todo o pensamento objetivo vivem desse fato inaugural que senti, que tive qualquer que seja o sensível em causa, uma existência singular que tolhia repentinamente o meu olhar e, contudo, prometia-lhe uma série indefinida de experiências, concreção de possíveis desde já reais nos lados ocultos da coisa, lapso de duração dado numa só vez. (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 184)

A base de vivência nas práxis da Dança Circular Sagrada é uma experiência sensível e singular, como o ato de ler e escrever e tem sido sugerida como uma proposta na formação de educadores, bem como terapia alternativa a todos os tratamentos na área da saúde. Pode ser uma meditação ativa para os holísticos, um ato de contrição e oração para os protestantes. Através dos movimentos ou como uma leitura Bíblica onde somos lidos e revelados de dentro para fora, de fora para dentro, das páginas do que já está escrito e do que vai sendo escrito através dos movimentos corporais de cada dançarino, através do tempo de vida vivido, da vida que dança, onde se percebe o presente como um 'Presente'.



Foto: Cedida por Julia Machado Mussarelli- - Universidade Presbiteriana Mackenzie - Sala de aula- 05/04/2018.



*Dança de roda
da Macedônia*

Fonte: WOSIEN, Bernhard. Dança um caminho para a totalidade, São Paulo, Triom, 2015, p.98

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Vida é presente, fonte, água que mata a sede, que suporta a fragilidade e vence a facticidade do tempo (HENRY, 2006, p. 70).

O trabalho que se apresenta é resultado de uma sucinta pesquisa sobre a origem da Dança Circular Sagrada, uma breve biografia de Bernhard Wosien, o idealizador dessa dança e sobre a prática em diferentes áreas de atuação, com ênfase nos efeitos quando proposta na educação, em processo terapêutico e que por ser simples nas práxis, é bem vinda em comunidades em geral.

Ao ser aplicada em um grupo de universitários da pós-graduação (mestrandos e doutorandos) da área da educação, da arte, com um integrante mestre em ciências da religião, atuante em clínica psicológica e alunos de graduação no curso de pedagogia, totalizando oito pessoas que dançaram e um observador que fotografou e filmou os encontros. Os encontros foram realizados em uma sala da Universidade Presbiteriana Mackenzie, devidamente equipada, proporcionando uma boa escuta das músicas, bem como a compreensão das informações objetivas e subjetivas de cada dança, tornando possível a todos a realização tranquila e harmoniosa que a Dança Circular Sagrada solicita. Foi possível constatar através da filmagem e dos relatos das entrevistas orais o quanto a Dança Circular Sagrada é capaz de proporcionar um tempo de integração consigo e com os demais participantes.

Os participantes manifestaram o desejo e desafio de dançarem com os familiares, em suas profissões, ora como alunos, ora como professores e assim compartilhar tudo de bom que é possível receber nessa vivência integradora da dança que, com doçura e leveza, possibilita a compreensão, assimilação até dos erros, onde é possível corrigir e acertar sem sair da roda, correção que vem através da conexão com a roda, através do ritmo e do compasso, mediante a melodia e movimento de todos os que participam da dança. Essa observação sobre o erro feita pelos participantes, que como todos, vivem sob a ameaça de 'ser perfeito' e de não poder errar, pois, o erro implica em sair ou ser retirado para fora da Roda da Vida. Isso é prejudicial também nos processos de ensino/aprendizado e quando esses processos envolvem crianças, os danos parecem ser maiores, pois esta criança tornar-se-á um adulto inseguro.

No caso da relação dos professores, quão importante é se colocar junto, onde aluno e professor podem aprender juntos, crescer, como na roda, onde todos estão na mesma posição e interação e harmonizam-se. Assim se aprenderá, fixar-se-á muito bem todo conteúdo da vida, das disciplinas, como na dança, onde a alegria e a descontração é conteúdo fundamental no aprendizado, numa experiência que pode envolver o corpo, alma e espírito. Foram três encontros que fizemos em dias sequenciais exatamente para que a vivência e a integração fossem fortalecidas pela proximidade do grupo, como se pudesse ‘dormir’ com a dança e no dia seguinte sentir-se mais solto e pronto para dançar. Esse bem-estar os acompanhava na rua, em casa, no trabalho, uma experiência transformadora: “É experiência aquilo que ‘nos passa’ ou que nos toca, ou que nos conhece e, ao nos passar, forma-nos e transforma-nos” (LARROSA, 2014, p. 28).

Ao se historicizar e exercitar a proposta dançando, possibilitamos que o corpo seja como um instrumento de tessitura, ou tecedura, ora se afinando como instrumento musical, ou como que tecendo com fios da emoção, do sentimento e assim num ressignificar com novas formas de encarar o cotidiano, os conflitos, o stress, a falta de tempo para o que realmente importa realizar na vida, a poluição sonora e visual, desânimo com a crise que envolve a educação, a saúde e a triste realidade atual da política-social que nosso país está passando.

Fica notória a importância de um trabalho como este no nível teórico e prático, onde os objetivos e metas estabelecidos para o mestrado que foram elaborados, atingiram os objetivos. Porém, a ampliação e aprofundamento nas raízes teóricas da Psicologia Social e História da Cultura, fazem-se necessários. Desejo dar continuidade como pesquisadora, profissional da saúde e educadora, considerando que para tal trabalho requer-se condições, recursos e tempo de um doutoramento.



*Dança popular
da Iugoslávia,
com tambores*

Fonte: WOSIEN, Bernhard. Dança um caminho para a totalidade, São Paulo, Triom, 2015, p.98

REFERÊNCIAS

BALMARY, Marie. *O Monge e a Psicanalista*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BARCELLOS, Janete. *Experiência do Dançar-junto*. Disposições ético-afetivas. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/61955>>.

BERGALLO, Andréa Snizek. Corpo e Identidade na dança contemporânea. *Revista de Ciências Humanas, Viçosa*, v.14n.1, p.43-57, jan./jun.2014.

BÍBLIA SAGRADA. Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BAUMAN, Zygmunt *A Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2001

BRADEN; Gregg. *O Efeito Isaías*. Decodificando a Ciência Perdida da Prece e da Profecia. São Paulo: Cultrix, 2002.

BRONOWSKI, J. *Arte e conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular-história e imagem*. Bauru: EDUSC, 1987.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1996

DURANT, Will. *Heróis da História*. Lisboa: Setenta, 1989.

FERNANDEZ, Jane Botelho. A arte de envelhecer e continuar a dança. In: GIORA, Regina Célia Faria Amaro (Org.). *Criatividade e Longevidade: um olhar da educação, arte e cultura*. São Paulo: Ed. Gênio Criador, 2017.

FERRIL, Arther. *A queda do Império Romano: a explicação militar*. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

FOLLOW, Filipe Olivieri. *Existindo nas Semelhanças: a Faculdade Mimética de Benjamin*, 2015.

FREUD, Sigmund. *Mal estar na Cultura*. Trad. Renato Zwick. São Paulo: L&PM Editores, 2010.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 23ª. Ed. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

FICHTNER Bernd (2010). *Introdução na abordagem Histórica-cultural de Vygotsk e seus colaboradores*. Disponível em:
<http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/docente/PDF_SWF/226Reader%20Vygotskij.pdf>.

GARAUDY, Roger. *Dançar a Vida*. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.

GADOTTI, Moacir. Educação Popular.Educação Social.Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas cimentadas por uma causa comum. *Revista Diálogos*, Brasília, vol. 18, nº 2, dez. 2012, p. 10-32. Disponível em:
<<https://portalrevstas.ucb.br/index.php/RDL/article/viewFile/39092386>>.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GIRARD, René. *A violência e o Sagrado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GOMES, Davi Charles. *Educação Escola Cristã*. História Conceitos. Práticas Pedagógicas. São Paulo: Editora Mackenzie. 2017.

PRASERES, Janilce Silva. Michel Henry e o corpo subjetivo: uma leitura Fenomenológica. *Revista Filosofazer*, Passo Fundo, nº 44, jan./jun. 2014, p. 149-164. Disponível em:
<ifibe.edu.br/index.php/filosofazerimpressa/article/download/34/33>.

HERNANDEZ, J.C. *Uma Viagem ao Coração de Si mesmo*. Guia de Leitura Bíblica. Curitiba: CPPC, 1999.

JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra. *Corpocidade e Debates, Ações e Articulações*. Salvador: EdUFBA, 2010.

KLEIN, Melainie. *Inveja e Gratidão*. 4ª. Ed.. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

LARROSA, Jorge. *Linguagem e Educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LE GOFF, Jacques. As mentalidades: uma história ambígua. In: LE GOFF, Jacques. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LEITE, Alvaro Pantoja. Aprendizagem criativa: uma experiência inspirada em Paulo Freire baseada na arte educação. *Revista Imaginar da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual*, n°.56, p. 76-83. Porto: APECV, 2013.

LELOUP Jeans Y. *Deserto, Desertos*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *O corpo e seus símbolos*. Uma Antropologia Essencial. Petrópolis: Vozes, 2014

_____. *A sabedoria do Salgueiro*. Petrópolis: Versus, 2005

MARTINS, F. O impossível no sofrimento – indecisões fenomenológicas no romance *Le fils du roi*. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, II, vol. XIX, 2002.

MATOS Maria Izilda; SOLLER, Angélica (Orgs). *O imaginário em debate*. São Paulo: Olho D'Água, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Elogio da filosofia*. Trad. Antônio Braz Teixeira. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.

_____. *Fenomenologia da percepção*. 2ª. Ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORIN, Edgar. É preciso educar os educadores. Por Andrea Rangel. *Jornal O Globo*, Ed. 02 jan. 2017.

OSTETO, Luciana Esmeralda. *Danças Circulares na formação de professores*. A inteireza do ser na roda. Santa Catarina .Editora Letras Contemporâneas.2015

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento (Justificando), 2017.

RICCOEUR, Paul. História e tempo. In: *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2010.

ROCHA, Gilmar. Marcel Mauss e o significado do Corpo nas Religiões Brasileiras. *Interações-Cultura e Comunidade*, vol.3, n°4, p.133-150, Assis, 2008.

ROMÃO, José Eustáquio. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ROSA, Jorge L. O conceito de Ser enquanto produção em Henry M Phainomenon. *Revista Imaginar da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual*, n° 13, p.191- 214, out./2006.

SAFRA, G. Disponibilidade para a realidade psíquica não sensorial: fé, esperança e cartas. In: *ID*, n° 56, vol.36, Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, São Paulo, 2013.

STRAUSS, Lévi. *Antropologia Estrutural*. São Paulo, Editira Cosac Naify, 2000.

SCHWARTZ, Rosana. Território, territorialidades e reterritorialidade. In: *Encontro Regional ALCAR*, São Paulo, 2016.

SOUZA, M. *Revista Travessias número 01*. Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte. Salvador: UFBA, 2013.

SPINK, Mary Jane. O conceito de representação social ma abordagem. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, vol. 9, n° 3, p. 300-308, jul./set. 1993.

VIGOTSKY, L.S Introdução à abordagem histórico cultural de Vygotsky e seus colaboradores. Seminário Faculdade de Educação da USP, 2010.

WONDRACEK, Karin H.K. *Ser nascido na vida: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica*. 2010. 257f. Tese (Doutorado em Teologia). Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia. Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010.

WOSIEN, Bernhard. *Dança um caminho para a totalidade*. São Paulo: Triom, 2015

ANEXO I

Vivência aplicada no Bosque Maia, Guarulhos/SP, dia 27/05/2018

Fotos cedidas por Maria Vilma M.Carneiro.Focalizadora da Dança Circular Sagrada







